



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA**

**CRIANDO NÓS: REFLEXÕES SOBRE SUJEITO, GÊNERO,
FEMINISMO E PSICANÁLISE**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Fernanda de Oliveira Alves

Santa Maria
2018

Fernanda de Oliveira Alves

**CRIANDO NÓS: REFLEXÕES SOBRE SUJEITOS, GÊNERO,
FEMINISMO E PSICANÁLISE**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Psicologia**.

Orientadora: Prof^a Dr.^a Cláudia Maria Perrone
Coorientadora: Prof^a Dr.^a Nikelen Acosta Witter

Santa Maria
2018

Alves, Fernanda de Oliveira
Criando Nós: reflexões sobre sujeito, gênero,
feminismo e psicanálise / Fernanda de Oliveira Alves.-
2018.

79 p.; 30 cm

Orientadora: Cláudia Maria Perrone
Coorientadora: Nikelen Acosta Witter
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Psicologia, RS, 2018

1. Psicanálise 2. Gênero 3. Feminismo 4. Pesquisa em
Psicanálise I. Perrone, Cláudia Maria II. Acosta
Witter, Nikelen III. Título.

Fernanda de Oliveira Alves

**CRIANDO NÓS: REFLEXÕES SOBRE SUJEITO, GÊNERO,
FEMINISMO E PSICANÁLISE**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS). Como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Psicologia**.

Aprovado em 10 de julho de 2018:

Cláudia Maria Perrone, Dr^a (UFSM)
Presidente/Orientadora

Nikelen Acosta Witter, Dr^a (UFSM)
Coorientadora

Fernando de Figueiredo Balieiro, Dr (UFSM)

Sandra Djamboladjian Torossian, Dr^a (UFRGS)
(Participação por videoconferência)

Santa Maria, RS

2018

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora, Cláudia Perrone, pela oportunidade de realizar este trabalho. Agradeço os momentos de aprendizado, as palavras de incentivo e à confiança nessa caminhada.

À minha coorientadora, Nikelen, pela disponibilidade e sensibilidade em nossos encontros e pelo entusiasmo com o feminismo, dentro e fora da academia.

A minha mãe, Anna Maria. Meu exemplo de resiliência frente às adversidades que nos tombam na estrada. Obrigada pelo teu amor.

André, parceiro de vida, amor, amigo e companheiro. Obrigada por ter me mostrado uma forma mais bonita de ver o mundo. Agradeço tua torcida e teu encorajamento em todos os momentos que não me sentia capaz. Sou muito feliz por tudo que aprendemos e conquistamos juntos.

A Nathália, minha pessoa, minha amiga, meu afeto, por todos os momentos de acolhimento, apoio e dedicação que fazem com que juntas sejamos mais fortes e que tudo seja mais leve.

A Vanessa, por dividirmos as ansiedades da formação. Agradeço nossas trocas teóricas e emocionais durante essa aventura que compartilhamos há oito anos. Tua presença foi muito importante na construção desse trabalho.

Às minhas colegas de grupo de pesquisa, Martina, Andreia e Diana pelo aprendizado conjunto e pelas trocas constantes nessa trajetória.

A professora e amiga Cláudia Kessler, pela atenção e carinho de sempre. Obrigada pela oportunidade e confiança na minha participação enquanto Psicóloga no Grupo de Vivências LGBTQIA da Universidade Federal de Santa Maria.

Às amigas do grupo de estudos independente sobre psicanálise e feminismo, Mari, Joy e Bruna. Obrigada pelo entusiasmo com a psicanálise, pelas trocas de leituras e pela potência desse espaço de formação em nossas vidas.

A professora Letícia Spinelli e aos participantes do grupo de estudos de Teoria Política Feminista, que há mais de dois anos vêm contribuindo no meu entendimento sobre feminismo.

Agradeço a professora Sandra Torossian e ao professor Fernando Balieiro por aceitarem ler, avaliar e contribuir com este trabalho.

Por fim, agradeço à Deus, em suas mais variadas formas.

*Deixe-me ir
Preciso andar
Vou por aí a procurar
Rir pra não chorar*

(Preciso me encontrar – Cartola)

RESUMO

CRIANDO NÓS: REFLEXÕES SOBRE SUJEITO, GÊNERO, FEMINISMO E PSICANÁLISE

Autora: Fernanda de Oliveira Alves
Orientadora: Prof^a Dr.^a Cláudia Maria Perrone
Coorientadora: Prof^a Dr.^a Nikelen Acosta Witter

A psicanálise é uma teoria plural e tem como centro de reflexão o sujeito, o inconsciente e a sexualidade. As teorias feministas e de gênero também são múltiplas e direcionam as reflexões para o sujeito marcado pelo gênero. Estas podem ser em defesa de identidades fixas ou em desconstruções identitárias, como é o caso dos estudos *queer*. A relação entre a psicanálise e os estudos de gênero ainda é algo que precisa ser explorado, dado que no campo da psicanálise são poucos os estudiosos que se dedicam a estes temas. Assim, a partir do uso da metodologia de pesquisa em psicanálise em articulação com uma caminhada perambulante amparada na *flânerie* esta pesquisa teve como objetivo apresentar como três psicanalistas brasileiras elaboraram suas reflexões teóricas sobre gênero e feminismo em articulação com a psicanálise. A escrita é dividida em três tempos e formatos diferentes. Em um primeiro momento é narrado o processo de construção dessa reflexão, para isso faz-se uma aproximação com o tema e uma introdução aos estudos teóricos que interessam a esta discussão. Nesta parte também são situados os procedimentos metodológicos utilizados. Após isto, a discussão dos resultados da pesquisa é dividida em dois artigos científicos. Um deles focado na discussão entre psicanálise e feminismo a partir do discurso de três psicanalistas brasileiras: Maria Rita Kehl, Miriam Chnaiderman e Patrícia Porchat e, o segundo, tem como foco apresentar o discurso de sujeitos que estão fora da heteronormatividade. Essa discussão é feita a partir da escuta das histórias dos sujeitos que protagonizam o documentário “De Gravata e Unha Vermelha” dirigido por Miriam Chnaiderman. Aponto que o encontro entre psicanálise, gênero, feminismo e estudos *queer* tem como potência a construção da criticidade necessária para pensar as teorias e como estas se posicionam perante sujeitos que estão fora de uma norma binária de gênero.

Palavras-chave: Sujeito; Psicanálise; Gênero; Feminismo; Discurso.

ABSTRACT

CREATING US: REFLECTIONS ABOUT SUBJECT, GENDER, FEMINISM AND PSYCHOANALYSIS

Author: Fernanda de Oliveira Alves

Advisor: Prof. Dr. Cláudia Maria Perrone

Co-Advisor: Prof. Dr. Nikelen Acosta Witter

Psychoanalysis is a plural theory and has as its center of reflection the subject, the unconscious and the sexuality. Feminist and gender theories are also multiple and direct the reflections to the subject marked by gender. These may be in defense of fixed identities or in identity deconstructions, as is the case with queer studies. The relationship between psychoanalysis and gender studies is still something that needs to be explored, given that in the field of psychoanalysis few scholars are devoted to these themes. Therefore, from the use of research methodology in psychoanalysis in articulation with a wandering walk supported in the *flânerie* this research aimed to present how three Brazilian psychoanalysts elaborated their theoretical reflections about gender and feminism in articulation with psychoanalysis. The writing is divided into three different times and formats. In a first moment the process of construction of this reflection is narrated, for this it is done an approach with the theme and an introduction to the theoretical studies that interest to this discussion. In this part are also located the methodological procedures used. After this, the discussion of the results of the research is divided into two scientific papers. One of them focused on the discussion between psychoanalysis and feminism from the discourse of three Brazilian psychoanalysts: Maria Rita Kehl, Miriam Chnaiderman and Patrícia Porchat, and the second focuses on introduce the discourse of subjects who are outside heteronormativity. This discussion is made from listening to the stories of the subjects who star in the documentary "De Gravata e Unha Vermelha" directed by Miriam Chnaiderman. I point out that the encounter between psychoanalysis, gender, feminism and queer studies has as its power the construction of the criticality necessary to think theories and how they stand before subjects who are outside a binary norm of gender.

Keywords: Subject; Psychoanalysis; Gender; Feminism; Speech.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	8
2. INTRODUÇÃO	9
3. MÉTODO	14
3.1 PARTICIPANTES	15
3.2 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	15
3.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS	16
3.4 PROCEDIMENTOS ÉTICOS	17
4. DESENVOLVIMENTO	17
4.1 ARTIGO 1	18
Resumo	19
Abstract	19
Introdução	19
Percurso Metodológico	21
Ponto de partida, escolhas e decisões	21
Lugar enquanto pesquisadora: a subjetividade presente na pesquisa em psicanálise	23
Os caminhos da investigação- <i>flânerie</i>	25
Discussão	26
Estranhando o feminismo	27
Psicanálise, gênero e feminismo: narrativas possíveis	30
Considerações Finais	42
Referências Bibliográficas	44
4.2 ARTIGO 2	46
Resumo	47
Abstract	47
Introdução	47
Percurso Metodológico	48
Localizando o sujeito	50
<i>Eu vim confundir e não explicar: transição, circulação e transgressão de gênero no documentário De Gravata E Unha Vermelha</i>	54
<i>O mundo veio me dizer que eu não era o que eu era! Como se constituir sujeito quando o mundo grita: abjeto</i>	57
<i>Existem mil sexos dentro desse corpo que o Estado diz que é dono! (Des)construindo e (re)inventando o corpo</i>	62
Considerações Finais	66
Referências Bibliográficas	67
5. CONCLUSÃO	70
REFERÊNCIAS	71
APÊNDICE	76

1. APRESENTAÇÃO

Em agosto de 2017 participei do Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 e 13º Congresso Mundo de Mulheres na Universidade Federal de Santa Catarina. O evento, além de acadêmico, é cultural e político, mostrando como o ambiente de formação universitária é relacional e que, fazer pesquisa, é intervir no mundo, ainda mais quando os temas pesquisados movimentam hierarquias de poder e revelam existências subalternizadas.

O desejo de intervir no mundo é o que me fez pesquisar feminismo, psicanálise e relações de gênero. Intervir num mundo que está há cem dias sem respostas do assassinato da Vereadora Marielle Franco e do seu motorista Anderson Gomes. Ela, negra, lésbica e assumidamente feminista reacendeu o debate sobre o feminicídio nas redes sociais. Mulheres passaram a usar a *hashtag* “nossas vidas importam” para dar visibilidade ao ocorrido e denunciar outros casos pelo país. Um país que tem a quinta maior taxa de feminicídio do mundo.

O Mapa da Violência de 2015 aponta que, entre 1980 e 2013, 106.093 mulheres morreram por serem mulheres. As mulheres negras são ainda mais violentadas. Apenas entre 2003 e 2013, houve aumento de 54% no registro de mortes, passando de 1.864 para 2.875 nesse período (WAISELFISZ, 2015). Um país que é campeão de crimes contra as minorias sexuais, em que a cada 19 horas uma pessoa LGBT morre de forma violenta vítima de LGBTfobia. O Brasil mata mais homossexuais do que nos países em que há pena de morte contra sujeitos LGBT (MOTT, 2017). De acordo com relatório do Grupo Gay da Bahia (GGB), mortes cresceram de forma assustadora: de 130 homicídios em 2000 saltou para 260 em 2010 e chegou a 445 mortes em 2017.

Em setembro de 2017, no Santander Cultural em Porto Alegre a exposição “Queermuseu – cartografias da diferença na arte brasileira” teve sua exibição cancelada após críticas e reações políticas de movimentos religiosos e de integrantes do Movimento Brasil Livre. Na apresentação da coletânea de textos da revista *cadernos pagu: Quem tem medo de Judith Butler? A cruzada moral contra os direitos humanos no Brasil?* Richard Miskolci e Pedro Pereira pontam que a democracia brasileira está ameaçada por discursos que acusam responsáveis por todos os problemas sociais. Os culpados são comunistas, feministas, gays e pessoas trans (MISKOLCI e PEREIRA, 2018).

A partir do entendimento de que o discurso é toda forma de linguagem que antecede o sujeito e que, sendo assim, o amarra no laço social, é necessário a reflexão sobre os discursos que se produzem sobre os sujeitos que estão fora de uma norma tradicional de gênero e sexualidade, subvertendo lugares institucionais, familiares e religiosos. É contra estes que se

formam outros discursos, porém pautados no ódio, na agressividade, no apagamento e na falta de alteridade para com os sujeitos.

Apresento esse cenário para marcar em que contexto essa pesquisa é feita. Mesmo que meus objetivos aqui não sejam os de intervir em políticas públicas ou em ativismos sociais acredito que algumas questões precisam estar presentes durante o processo. Onde estamos enquanto sociedade, quais as leis que nos agenciam? Que artifícios de poder estão em jogo hoje? Quem goza desse poder? Quais as condições que definem quem é sujeito ou não? Estas questões são colocadas para não esquecermos a estrutura que nos constitui e legitima como sujeito.

Na primeira aula de psicanálise que tive na faculdade o professor escreveu no quadro: *o que é psicanálise?* E nos explicou que além de um método terapêutico é também uma teoria e uma investigação sobre o sujeito e tudo aquilo que lhe é desconhecido. Falou ainda da metapsicologia freudiana que buscava algo para além da regulação, da organização e do bom funcionamento da vida, algo além da psicologia que existia até então. Retomando a esta lembrança agora, na posição de pesquisadora, entendo que a psicanálise é um discurso de contestação, uma forma de mexer nas estruturas sociais que causam sofrimento. É por acreditar na potência de contestação da psicanálise junto de reflexões feministas e de gênero que penso ser possível intervir em mundos teóricos, políticos e subjetivos a partir dessa narrativa.

2. INTRODUÇÃO

Não existe uma, mas várias psicanálises. Hoje existem várias psicanálises porque existem diferentes contextos culturais, sociais e familiares. A escolarização das mulheres, inserção das mesmas no mercado de trabalho, separação da sexualidade da reprodução, dissolução da família burguesa e nuclear, políticas de visibilidade à população homossexual e as modificações corporais realizadas por pessoas transexuais são fenômenos que caracterizam mudanças nas formas de sexualidade na sociedade dos últimos anos (ARÁN, 2009). Esses são alguns motivos que a psicanalista Marcia Arán aponta para justificar uma nova forma de pensar o sexual na psicanálise, entendendo que isto é uma postura ética e política necessária. Muito disso se deve a trabalhos de psicanalistas que se debruçaram a repensá-la através de um olhar voltado ao gênero, às sexualidades e às mudanças sociais e políticas que produzem novos sujeitos (ARÁN, 2009; CECCARELLI, 2012; REA, 2014).

As várias psicanálises derivam do pensamento psicanalítico iniciado por Sigmund Freud no século XIX. Freud inaugura uma nova forma de pensar o sujeito, a cultura e o social. Ele

estabelece a sexualidade como o fundamento da vida psíquica, como fator fundamental no desenvolvimento do sujeito humano. A sexualidade versada por ele não diz respeito ao natural ou biológico, mas sobre as forças pulsionais, o gozo e os desejos que estão presentes nas experiências do sujeito com os outros.

A metapsicologia freudiana pressupõe a existência de processos mentais inconscientes. No texto *O Inconsciente*, de 1915, Freud afirma que o núcleo do inconsciente é habitado por pulsões que buscam descarregar *catexia*, ou seja, são desejos que querem sair, por isso a importância da sexualidade na sua teoria, entendendo por sexualidade a busca por prazer na vida humana (FREUD, 1915/2010). Para Freud, a entrada do sujeito no mundo só é possível no momento em que um outro sujeito se faz presente.

O sujeito investe em outros objetos, sejam estes humanos ou não, e espera que esse investimento retorne para si, assim construímos um reservatório de libido, energia sexual que nos move e é importante na nossa busca de prazer e amor próprio. A partir daí começa a se construir o Eu do sujeito que passa a se relacionar com a realidade exterior, os desejos íntimos internos e os julgamentos e moralidades que tem introjetado.

Luciano Elia (2004) afirma que na teoria freudiana o sujeito é uma contingência que se impõe antes de ser um conceito. O autor retorna os passos de Freud desde que este abandonou o uso da hipnose como prática de análise. Ao recusar a hipnose Freud passa a prestar atenção no sujeito que não para de se inscrever. O sujeito quer se defender daquilo que causa sofrimento, daquilo que desacomoda. Elia (2004) aponta que após o ato de defesa do sujeito está o ato de resistência ao tratamento e ao trabalho psicanalítico posterior.

Em psicanálise o conceito de resistência faz referência a todos os obstáculos criados pelo sujeito em seu processo de análise (ROUDINESCO & PLON, 1998). Esses obstáculos começam a se manifestar quando o acesso ao inconsciente pode vir a causar mal-estar, angústias e sofrimentos. A resistência é então a resposta do sujeito à eminente modificação de uma ordem já instituída, é uma forma de defesa.

Trago o conceito de resistência para um exercício reflexivo sobre a própria psicanálise. As ideias de Freud sofreram resistência quando ele afirma que as crianças possuem uma sexualidade infantil que é *perverso polimorfa*. Freud apontava o sexual na infância, algo de difícil entendimento e aceitação para a sociedade vienense do final do século XIX e início do século XX. As resistências para com as ideias de Freud não impediram que ele estabelecesse a psicanálise como uma prática clínica muito bem fundamentada teórica e tecnicamente.

O que acontece com a teoria psicanalítica Freudiana, centrada no complexo de Édipo, nas estruturas de sujeito demarcadas e nos destinos pulsionais é o encontro com a mudança de

conjuntura política que muda as relações humanas. Após a segunda guerra mundial o contexto familiar se transforma. O avanço do capitalismo e o desenvolvimento de tecnologias que mexem com o corpo do sujeito afetam teorias e com a psicanálise não poderia ser diferente.

As elaborações teóricas que Freud faz sobre o inconsciente, “nome que delimita o campo primordial da experiência psicanalítica do sujeito” (ELIA, 2004, p.36), passam por estruturas de um sistema de representação, de traços de memória, de signos de percepção que estão organizados por condensações e deslocamentos. Ou seja, o inconsciente estruturado por Freud é material e simbólico.

Lacan retorna ao pensamento de Freud com a intenção de ressignificá-lo (MANZI, 2017). Em edição especial da revista CULT sobre Jacques Lacan, Ronaldo Manzi expõe que para Lacan, a linguagem é o tema do ensino psicanalítico. O psicanalista traz nesse breve texto que tudo que Freud escreveu sobre os sonhos são coisas sobre palavras e que se o inconsciente não fosse uma linguagem ele não existiria em termos freudianos.

Ao pensar o inconsciente estruturado como linguagem, Lacan (2008) o transforma em um estatuto qualificável, objetivável e acessível. Assim é, na medida em que o sujeito fala e na forma que fala, nas escolhas de palavras, nos chistes, atos falhos, no relato dos sonhos e dos sintomas que o inconsciente aparece.

Elisabeth Roudinesco (2011), na biografia sobre Jacques Lacan, expõe que este se distancia muito de Freud quando inscreve o pensamento filosófico no *corpus* freudiano e afasta a psicanálise cada vez mais de um *corpus* clínico. Enquanto historiadora, Roudinesco aponta que psicanalistas são responsáveis por manterem a psicanálise na memória e não a localizam na história. A tentativa de manter vivo um ensinamento que se fecha as questões sociais e os acontecimentos do presente acabam por servirem como inimigas à teoria (ROUDINESCO, 2011). É por isso que das várias psicanalises existentes a que escolhemos nesse texto é àquela comprometida com os sujeitos do presente e suas formas de ser sujeitos que não correspondem à ideais conservadores e naturalizados.

É importante ressaltar que o sujeito é construído historicamente e em um lugar cultural. Isso torna impossível a universalização. Entendendo o feminismo como um movimento teórico crítico, que constrói seus argumentos em localizações distintas, apresento o desenvolvimento do acontecimento feminista e sua atual perspectiva.

A história do feminismo é a história da tomada de consciência pelas mulheres de sua subordinação diante do mundo masculino. No final do século XIX, situa-se a primeira onda do movimento feminista, que tem como reivindicação pelas sufragistas da época o direito à

cidadania pelo voto, como também o direito ao trabalho e às documentações que comprovem isso.

A garantia de direitos e o reconhecimento dos mesmos em leis foi um grande avanço para algumas mulheres, porém a opressão permanecia. O berço do feminismo é liberal e por sê-lo negligenciou mulheres pobres e operárias. Após este momento inicial, que perdurou até a década de 1930, o movimento feminista perde sua força (PINTO, 2010). Mesmo com a conquista de direitos não se conquistaram espaços de emancipação feminina através de reflexões sobre o sistema de poder que oprime as mulheres.

No hiato em que se encontrava o feminismo após seu primeiro momento surge uma das maiores obras de referência para a teoria feminista: “*O Segundo Sexo*”, de Simone de Beauvoir, publicado em 1949, trazendo a mulher para o debate político e social. De acordo com Céli Regina Pinto (2010), o feminismo da primeira onda recuperou sua força devido ao livro de Simone de Beauvoir, que foi fundamental para a segunda fase do movimento. Ao afirmar que não nascemos mulheres, mas sim que nos tornamos (BEAUVOIR, 2009), a autora critica e coloca em questão as práticas biológicas, históricas e psicanalíticas que ditam como a mulher deve ser e se portar no mundo. Beauvoir tem grande importância no pensamento feminista, pois se propôs a pensar teoricamente as explicações científicas para a opressão da mulher na sociedade.

A socióloga Miriam Adelman contextualiza esse momento de desenvolvimento do feminismo de segunda onda nos anos 1960. Após a Segunda Guerra surgem novas formas de compreender o mundo. Para a autora, o movimento de contestação deste período se espalhou pelo globo todo, desestabilizando fronteiras culturais, sociais e sexuais existentes (ADELMAN, 2009). Passaram a se politizar esferas da vida que antes não eram vistas como políticas. Nesse período, os movimentos sociais fomentavam a produção de novas subjetividades, causando impacto na vida afetiva e sexual dos sujeitos, repercutindo até hoje em nossas vidas políticas.

Direitos foram conquistados e a consciência de gênero passou a ser um motivo de reflexão. Direitos para quem, e reflexões de que condição da mulher no mundo? Nessa questão se faz presente novamente a necessidade de localização do discurso. A terceira onda do movimento feminista emerge dessa necessidade. Nos anos 1970 se tem uma virada epistemológica na ciência. O pensamento feminista passa a demandar novas formas de ler a cultura e a sociedade pelas relações de gênero. Essa virada epistemológica se dá com a teoria feminista e sua intenção de compreender como masculino e feminino se constituíam através de relações sociais de poder.

Como ponto principal da terceira onda do feminismo se tem a entrada do termo gênero

no debate do interior do feminismo. O discurso não gira mais em torno da mulher, mas sim do gênero. A categoria “mulher” não servia mais para falar das situações de submissão e opressão existentes na sociedade. “Não sou mulher, somos mulheres” é talvez uma forma de definir a necessidade de se expandir a conceituação desse sujeito. A passagem do estudo de mulheres aos estudos de gênero se dá estrategicamente na intenção de trazer visibilidade ao debate feminista. Mulher remete a algo universal, já o gênero transforma a discussão mais abrangente, traz mais força de legitimidade ao meio acadêmico e permite incluir os homens na questão trazendo o aspecto relacional ao debate (PEDRO, 2005).

O feminismo não existe como universal, pois o universal é totalmente relativizado. Não podemos mais falar na mulher como sujeito do feminismo porque “A mulher” também não existe. As mulheres estão em constantes transformações, vêm de diferentes culturas e sociedades, têm ideais e crenças próprias e cada uma tem uma relação singular com as opressões que lhes cercam. Não posso mais falar do feminismo da mulher porque a mulher é plural e porque o feminismo não é só dela.

Feminismo é agora feminismos, possui segundo nome, pode ser radical, negro lésbico, interseccional, dentre outros. Ter segundo nome é uma marca singular que manifesta uma reivindicação política específica, que fala de um sujeito específico. A psicanálise que se escreve hoje também possui outros nomes. Nesse texto ela será pensada de forma expandida, no relacionamento com outros saberes e, quando necessário, localizada. Não retornarei os conceitos desde Freud até Lacan e até a sua crítica, mas procuro, a partir de uma escrita em psicanálise, sobre psicanálise ou com a psicanálise, (re)descobrir as possibilidades dessa discussão.

Não é possível com esse trabalho esgotar a discussão entre psicanálise e feminismo, dado que são muitas psicanálises e muitos feminismos existentes e presentes hoje no corpo social e teórico. O meu interesse se direciona a um feminismo que pense o sujeito e não a “mulher”. Um feminismo que pense masculinidades e feminilidades sem hierarquizar tais posições, que preste atenção no desejo do sujeito e não na sua identidade, um feminismo da subjetividade, do processo, da descoberta, um feminismo que incorpore o pensamento *queer*. Se o sujeito para psicanálise precisa ser repensado dadas as inúmeras possibilidades de significação e ressignificação na vida, o sujeito do feminismo precisa ser repensado nos mesmos termos. Acredito serem os estudos *queer* que proporcionam essa reflexão.

3. MÉTODO

A fim de apresentar um delineamento dessa pesquisa caracterizo este trabalho como qualitativo e exploratório. Há uma menor rigidez no planejamento e parto de uma ideia de que durante todo o processo de pesquisar sigo me familiarizando com o tema (Gil, 2007). Além disso, é necessário explorar dois olhares teóricos distintos para a pesquisa que fazem parte da construção do meu percurso metodológico: o feminismo e a psicanálise.

No texto *Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*, Donna Haraway (1995) constrói sua argumentação em cima da ideia de que toda construção de conhecimento é marcada, pois sempre que um pesquisador fala sobre um fenômeno este diz de uma localização específica no mundo. Para a filósofa, existe uma ciência hegemônica que é regida por uma falsa ideia de objetividade, como se houvesse possibilidade de codificar o saber de forma universal. Diferente disso existem saberes subalternos e localizados. O feminismo é um desses saberes.

O feminismo contribui para uma mudança da ciência pois é uma teoria que se relaciona com sujeitos múltiplos, que possui visões e posicionamentos críticos adquiridos através de uma posição corporificada não hegemônica e marcada pelo gênero (HARAWAY, 1995). A perspectiva de Donna Haraway é de que a ciência feminista garante sua objetividade ao passo que se posiciona durante o processo de criar conhecimento e, assim, produz conexões que permitem outros modos de ver e outros modos de vida.

Estabelecidas as bases feministas que guiam este percurso acrescento que para a psicanálise o sujeito é dividido e não se separa do todo social e político que o envolve (ROSA & DOMINGUES, 2010). O sujeito da psicanálise não é o mesmo da ciência positivista, não podendo assim ser reduzido a racionalizações e universalismos.

A psicanálise que Freud cunhou não se limitava apenas ao tratamento analítico das patologias, incluía um método de investigação do inconsciente e a formação de um sistema teórico de explicação do funcionamento normal e patológico (ROSA, 2004). Uma psicanálise voltada a estes três aspectos cumpre com seu objetivo de movimentar as estruturas dos fenômenos socioculturais que fazemos parte.

O conhecimento estará sempre *a posteriori* para a psicanálise. É preciso que o sujeito experiencie, reviva, sinta, recorde, tenha sonhos, imagine, reflita, fale e elabore para quem sabe em algum momento chegar a se conhecer. O processo de pesquisar é pensado nos mesmos termos neste trabalho. Para gerar conhecimento é preciso desfazer certezas e encontrar o desconhecido, aquilo que não sabemos e nem deduzimos. É por considerar a

psicanálise como um campo de produção constante de conhecimento, seja via observações do clínico ou do social, é que a pesquisa em psicanálise se encaixa como método deste trabalho.

A pesquisa em psicanálise exige a presença e a implicação do pesquisador com seu objeto. É o método que irá criar o objeto (POLI, 2008), ou seja, a ideia de que a rede de significantes e desejo que me envolve enquanto pesquisadora irá determinar a forma que tratarei o presente estudo. Todo o processo de pesquisa será afetado por mim da mesma forma que as descobertas que terei irão me afetar. A posição que me encontro nesta pesquisa é a de incertezas e de um suposto saber sobre o que desejo investigar. Nesta forma de pesquisar não há necessidade de uma inferência generalizadora, justamente pelo lugar singular que ela ocupa na produção de saber.

3.1 PARTICIPANTES

Participaram dessa pesquisa três psicanalistas brasileiras que desenvolveram discursos sobre gênero e feminismo em articulação com a psicanálise. Foram elas: Maria Rita Kehl, Miriam Chnaiderman e Patrícia Porchat. Junto da conversa que tive com cada uma delas utilizei como suporte para o desenvolvimento desse trabalho suas narrativas teóricas.

A escolha destas participantes se deu devido à trajetória teórica e política das mesmas. Assim, incluiu-se nesse estudo três narrativas teóricas diferenciadas que questionam o pensamento psicanalítico e o reconstruem com suas novas argumentações. Excluiu-se desse estudo psicanalistas que não possuem o aspecto político histórico singular necessário à esta pesquisa.

3.2 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Após localizar as psicanalistas que poderiam contribuir com essa reflexão fiz um contato inicial com cada uma delas. Sendo com a Miriam Chnaiderman e a Patrícia Porchat via e-mail e pessoalmente com a Maria Rita Kehl. Devido a impossibilidade de me deslocar até elas para realizar as entrevistas estas foram feitas em vídeo via *Skype*. Cada uma delas foi entrevistada apenas uma vez. E todas se dispuseram a continuar nossa conversa.

Apresentei rapidamente a elas minha trajetória, tema de pesquisa e as questões que desejava investigar. A conversa com as psicanalistas se deu a partir de dois tópicos principais. Os tópicos eram: 1) a construção do discurso sobre gênero, psicanálise e feminismo na trajetória profissional e 2) as possibilidades de articulação, encontros e paradoxos entre

psicanálise e feminismo atualmente.

Fazer uma pesquisa em psicanálise exige o reconhecimento do pesquisador de suas implicações e limitações com o tema pesquisado. Ana Costa e Maria Cristina Poli (2006) afirmam que uma entrevista em pesquisa em psicanálise precisa ser pautada pelo pressuposto da transferência que se dá na construção de um campo relacional no qual esteja em causa a hipótese do inconsciente. Opera-se com o inconsciente no momento das entrevistas, tendo como fundamento básico da prática a ideia de um suposto saber, sem que se vá à coleta de dados como se fosse apenas receber conhecimento sobre a pergunta problema de pesquisa, mas que os dados colhidos sejam fruto de uma relação transferencial na qual o pesquisador está incluído no processo de conhecimento e formação (COSTA & POLI, 2006). Assim, as entrevistas se colocaram como um espaço fomentador de questionamentos para o desenvolvimento das reflexões e argumentações da pesquisa.

3.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

Cada entrevista foi para uma discussão diferente sobre a questão. Nunca foi a intenção dividir os dados em categorias ou analisa-los a partir de proximidades e diferença nos discursos. O objetivo principal foi expor como cada uma delas constrói uma narrativa sobre as questões apresentadas. Das entrevistas retirei indicações de textos, músicas, filmes e tantas outras produções teóricas, artísticas e culturais que se relacionavam com o gênero e o feminismo de alguma forma.

A questão inicial se desdobrou para o pensamento do sujeito enquanto ser em constante construção. As posições sobre feminismo, gênero e sexualidade demarcaram a necessidade de um olhar além do movimento ou da identidade. Um olhar focado nas produções de discursos psicanalíticos afetados e convocados sobre a vida em relação com a abjeção. Exponho estas questões para dizer que os processos de análise dos dados estão intimamente ligados com a minha relação com tudo que aprendi antes, durante e depois da conversa que tive com cada uma dela. A construção argumentativa que se deu nas caminhadas que fiz durante o pesquisar está orientada pela escuta e transferência com a escrita do texto dessa dissertação. Esta se fez sempre tendo em mente o objetivo do projeto de pesquisa e os fundamentos psicanalíticos que envolvem a construção desse conhecimento, tal como a atenção flutuante e identificação (ROSA & DOMINGUES, 2010).

3.4 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

O projeto foi aprovado no comitê de ética de pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria sob protocolo CAEE: 70574817.6.0000.5346. Antes de começar a entrevista expliquei todo o processo da pesquisa às minhas interlocutoras, no qual, as entrevistas seriam gravadas, transcritas, enviadas a elas caso desejassem fazer alguma alteração e após isso destruídas. Expliquei que as participantes têm garantida a possibilidade de não aceitar continuar participando da entrevista ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão.

Por serem personalidades públicas e de importância teórica, expliquei a cada uma delas a necessidade de identifica-las nesse trabalho. Elas consentiram verbalmente e junto da entrevista transcrita foi enviado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido no qual consta a aceitação de não confidencialidade (APÊNDICE A).

4. DESENVOLVIMENTO

A pergunta inicial dessa pesquisa era: Psicanálise e feminismo: que articulações possíveis? A partir dela fiz um passeio entre psicanálise, gênero, feminismo e teoria *queer*. Do que foi experienciado, enquanto perambulava entre sujeitos, discursos, teorias, imagens e escritas, elaborei dois artigos que compõem a discussão dos resultados desta pesquisa. O primeiro, intitulado *Atravessando caminhos: escutas e narrativas possíveis entre psicanálise e feminismo*, apresenta o discurso das três psicanalistas entrevistadas sobre sua relação e percepção com o tema. O segundo, denominado *Sujeitos que transitam, transgridem e transformam as normas de gênero: uma reflexão a partir do documentário “De Gravata E Unha Vermelha”*, tem como foco mostrar a subjetividade no discurso de diferentes sujeitos que bancam o desejo, o gênero e a sexualidade fora da norma.

4.1 ARTIGO 1

ATRAVESSANDO CAMINHOS: ESCUTAS E NARRATIVAS POSSÍVEIS ENTRE PSICANÁLISE E FEMINISMO

ATRAVESSANDO CAMINHOS: ESCUTAS E NARRATIVAS POSSÍVEIS ENTRE PSICANÁLISE E FEMINISMO

Resumo: Instigada pelo testemunho de três psicanalistas brasileiras que tencionam os feminismos, em discursos que evidenciam as questões de gênero, este texto possui o objetivo de expor dois territórios distintos, - a psicanálise e os feminismos -, nos quais, o sujeito ocupa um lugar fundamental na discussão. Para isso, exponho através do testemunho de Maria Rita Kehl, Patrícia Porchat e Miriam Chnaiderman, como ocorre a aproximação entre psicanálise, gênero e feminismo na trajetória pessoal de cada uma delas. Este texto fundamenta-se pela pesquisa em psicanálise e é construído sob a perspectiva de uma *flânerie* como processo de investigação, bem como procura elucidar os passos da transformação desse saber em conhecimento. Psicanálise e feminismo possuem diferenças conceituais sobre o que seria o sujeito. O apontamento psicanalítico, a um feminismo identitário, e o questionamento feminista, a certos conceitos psicanalíticos, permitem uma aproximação crítica entre estas duas formas de pensamento. Ainda que apresentados como campos distintos de argumentação e conhecimento, a psicanálise e o feminismo possuem uma aproximação entre seus objetivos: a existência de uma vida ética, não normativa e de múltiplas possibilidades de ser sujeito no laço social.

Palavras-chave: sujeito, psicanálise, feminismo, gênero

CROSSING WAYS: POSSIBLE LISTENING AND NARRATIVE BETWEEN PSYCHOANALYSIS AND FEMINISM

Abstract: Instigated by the testimony of three Brazilian psychoanalysts who intend purpose feminisms, in discourses that highlight gender matter, this text has the objective of exposing two distinct territories, - psychoanalysis and feminisms -, in which the subject occupies a fundamental place in the discussion. For this, I expose through the testimony of Maria Rita Kehl, Patrícia Porchat and Miriam Chnaiderman, how the approximation between psychoanalysis, gender and feminism occurs in the personal trajectory of each one of them. This text is based on research in psychoanalysis and is constructed from the perspective of a *flânerie* as a process of investigation, as well as seeks to elucidate the steps of the transformation of this knowledge into science. Psychoanalysis and feminism have conceptual differences about what would be the subject. The psychoanalytic point of view, to a feminist identity, and the feminist questioning, to certain psychoanalytical concepts, allow a critical approximation between these two forms of thought. Although presented as distinct fields of argumentation and knowledge, psychoanalysis and feminism have an approximation between their objectives: the existence of an ethical life, not normative and of multiple possibilities of being subject in the social bond.

Keywords: subject, psychoanalysis, feminism, gender

INTRODUÇÃO

O que a psicanálise tem a dizer sobre os feminismos? Se tem algo a dizer, será que deve fazê-lo? Para a primeira pergunta eu não seria capaz de elucidar, neste artigo, todas as

possibilidades discursivas entre a psicanálise e o feminismo. Porém, me comprometo, ao longo deste texto, em apresentar algumas falas possíveis para interligar estas duas teorias. Sobre o segundo questionamento, assumindo uma postura de comprometimento com o sujeito, e tudo que envolve a vida psíquica e social deste, posso afirmar que sim, ao possuir algo a dizer, a psicanálise deve nos mostrar seus apontamentos sobre os feminismos.

Antes de Freud, a sexualidade estava presa a conceituações biológicas, e era pensada de forma orgânica, instintiva e com finalidade reprodutiva. Ao substituir a noção de instinto por pulsão, Freud expõe as influências das relações pessoais e sociais na formação do sujeito. Tudo que fugia das definições fixadas entre homem e mulher era visto como desvio e perversão.

Na obra, *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud (1905/2016) representa a sexualidade de forma diferente a de um dado biológico bruto. Ela passa a ser elaborada como uma disposição psíquica universal não patológica. Portanto, a ideia de perversão se transforma, e as práticas perversas, por mais estranhas que sejam, irão explicar muito do que acontece conosco, sendo parte da sexualidade normal. A sexualidade para Freud será aquela onde cada sujeito encontra seu desejo. A sexualidade passa a ser vista como algo que permeia a relação com o outro, algo que explora processos de amor, ódio, dominação e objetificação.

As ideias de Freud, neste texto, repercutem a partir das primeiras feministas do século XX. Isso porque ele traz ideias de passividade e atividade atreladas, respectivamente, ao feminino e ao masculino. A atenção diferenciada que Freud dá as mulheres e aos homens em sua obra são críticas que repercutem até hoje nas teorias feministas. Mesmo com o retorno que Lacan faz a Freud, suas antigas e novas concepções sobre mulheres ainda são vistas como funcionamentos de uma teoria patriarcal. Assim, no seio de alguns feminismos, a psicanálise ainda é vista como o lugar de horror e negação às conquistas de autonomia feministas.

Rafael Kalaf Cossi, em sua tese de doutorado, intitulada de *A diferença dos sexos: Lacan e o feminismo*, expõe que existem feministas anti-psicanálise que realmente enxergam em Freud e Lacan inimigos à emancipação das mulheres. Mas existem também as que são pró-psicanálise e enxergam na teoria psicanalítica elementos combativos que auxiliariam na política contra a opressão. O autor expõe que as psicanalistas feministas buscaram esclarecer termos psicanalíticos que foram deturpados ou mal compreendidos, como é o caso da inveja do pênis, do *falo*, e da diferença sexual (COSSI, 2016).

Esclarecidos de uma resistência mútua entre psicanálise e feminismo, e reconhecendo a psicanálise como inicialmente patriarcal, devido também a estruturações sociais e culturais da época em que foi elaborada, este artigo busca aproximar possibilidades de diálogo entre psicanálise e feminismo. Para isso foi realizado um resgate na trajetória de três psicanalistas

que, contrariando os ideais ditos como patriarcais da psicanálise, buscaram articular seu discurso com as questões de gênero.

A reflexão é feita a partir de uma pesquisa em psicanálise que permite uma maior liberdade metodológica ao exigir posicionamentos subjetivos na escrita. Em um primeiro momento será apresentada esta metodologia, que usa da *flânerie*, de Baudelaire, como suporte e, por estar atrelada ao significante da pesquisadora, requerendo um desenvolvimento teórico explicativo maior do processo. Após isto, entro na conceituação teórica do feminismo, de como surgiu e qual a situação atual, quais os sujeitos representados e as críticas necessárias para o seu público alvo. Por fim, serão expostos fragmentos do testemunho de três psicanalistas brasileiras de como, na trajetória de cada uma, foi possível articular psicanálise e feminismo.

PERCURSO METODOLÓGICO

A escolha por utilizar a palavra ‘percurso’ na metodologia é estratégica. Optei por este termo, pois é algo que pode estar pré-definido, mas pode mudar devido as adversidades no caminho. O percurso marca um caminho, no qual foi preciso que eu me movimentasse física, psíquica e teoricamente para me deslocar em concepções teóricas enraizadas em contextos sociais e culturais não atuais. As argumentações que compõe este trabalho só foram possíveis devido a caminhada que realizei e, por isso, é tão importante que ela seja exposta aqui. Assim, acredito que meus leitores e leitoras poderão acompanhar os movimentos que constituíram essa reflexão.

Ponto de partida, escolhas e decisões

O início dessa caminhada foi o sentimento de insatisfação em minhas disciplinas de psicanálise na graduação. Era difícil aceitar que uma teoria do sujeito, da sexualidade e das relações, sejam estas interpessoais ou sociais, não se posicionasse sobre questões de gênero e sexualidade dentro do ambiente acadêmico. Foi durante a pós-graduação que percebi que o entendimento sobre o sexual é imprescindível no entendimento psicanalítico. Meu incômodo quanto a essa questão só ia aumentando na medida em que me aproximava da teoria política feminista e das discussões sobre o sujeito que representava cada vertente.

Inicialmente eu desejava saber o que alguns psicanalistas da minha cidade teriam a falar sobre o feminismo atual. Eu realmente queria entender o que esse saber, tão relevante e significativo para mim, teria a dizer sobre o feminismo, tão potente na minha compreensão, naquele momento, sobre a realidade da mulher.

Junto de minha orientadora, percebemos que eu talvez me deparasse com discursos que reiterassem lógicas conservadoras e machistas. A partir daí decidimos que investigaríamos como psicanalistas, que têm discursos sobre questões de gênero, começaram a falar sobre este assunto. Escolhemos três psicanalistas brasileiras com quem havíamos tido contato por vias diferentes, mas que provocavam sentidos semelhantes.

Maria Rita Kehl produziu uma tese de doutorado sobre a mulher freudiana. Esse texto foi transformado no livro intitulado de “Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade”. No ano de 1998 foi reeditado e voltou as vendas em 2017, reacendendo o debate sobre mulheres e psicanálise. Nesse texto, a autora busca entender e significar o lugar da mulher na teoria freudiana.

Maria Rita Kehl apresentou, para mim, as possibilidades de criticidade junto de uma compreensão teórica necessária sobre a mulher como sujeito. Repensar a mulher na psicanálise é repensar a mulher concebida historicamente como mãe e ser habitante do meio privado, algo que os feminismos passam a questionar.

As questões que envolvem a mulher são questões de gênero e envolvem também o seu oposto. Dentro do programa de pós-graduação participei de um grupo de estudos sobre psicanálise e questões de gênero. De uma aproximação inicial com a mulher passei a estudar gênero, teoria *queer* e transexualidade pelo viés psicanalítico. O texto da psicanalista Patrícia Porchat, “Tópicos e desafios para uma psicanálise Queer”, abriu a possibilidade de pensar sobre o sujeito em sua singularidade. A articulação que a autora faz entre psicanálise e teoria *queer* trouxe a realidade de corpos que estão à margem da sociedade. Depois disso, fui me aproximando cada vez mais da obra da autora, inclusive de sua tese de doutorado, “Gênero, Psicanálise e Judith Butler: do transexualismo a política”, que trouxe e possibilitou a interlocução com a filósofa Judith Butler nesse trabalho.

Nesse mesmo grupo, uma das indicações de narrativa diferenciada sobre o tema foi o documentário, “*De gravata e unha vermelha*”, no qual Miriam Chnaiderman foi roteirista e diretora. Após assistir ao documentário pela primeira vez decidi que o filme e as discussões de Miriam deveriam estar neste trabalho. Não tinha certeza se a narrativa do filme encontraria as narrativas teóricas, mas os caminhos possíveis entre a psicanálise e o feminismo mostraram que podem passar por outras produções que não sejam só no campo da escrita.

De intenções e formas de produções diferentes, a participação das psicanalistas neste trabalho é justificada não somente pela conversa em linha reta que estas fazem com a teoria, mas também pelas diferentes possibilidades de existência da teoria. Se os sujeitos que significam a psicanálise e o feminismo não são os mesmos, não há necessidade de uma narrativa

única sobre tais sujeitos. Outro ponto importante em que as psicanalistas contribuem com este trabalho é a separação de uma ideia errônea, de um feminismo de vertente radical, de que feminismo é igual a mulheres.

Após o contato inicial com as narrativas destas psicanalistas eu as convidei para participar como interlocutoras dessa pesquisa. Tive com cada uma delas uma conversa de aproximadamente uma hora de duração. As conversas foram feitas via *Skype* e tinham dois tópicos principais. Um deles relacionado a trajetória e a construção do discurso delas em suas produções sobre psicanálise e gênero. E outro mais investigativo, procurando, junto a elas, compreender como percebem as possibilidades de articulações existentes entre a psicanálise e o feminismo.

Todas se disponibilizaram a conversar comigo depois dessa entrevista inicial, porém escolhi fazer apenas uma entrevista nessa fase da pesquisa, com o objetivo de instigar meu processo de criação. O que surgiu a partir dos testemunhos delas interessaram a mim como dispositivos reflexivos. A intenção deste trabalho nunca foi a de responder ou esgotar todo meu problema de pesquisa, tampouco esperávamos investigar a fundo a vida profissional dessas psicanalistas. Um dos principais objetivos foi o de construir os meus próprios questionamentos com esta narrativa teórica.

Com os diálogos surgiram muitas informações e a partir destas informações, diversas inquietações, com essas, optei por marcar aquilo que faz sentido para mim enquanto pesquisadora nesse tema. Trabalhando com o significante e me posicionando neste texto, enquanto pesquisadora, que retrata sobre um lugar localizado, eu sustento aqui um diálogo entre a psicanálise e o feminismo e sua relação com o sujeito.

Lugar enquanto pesquisadora: a subjetividade presente na pesquisa em psicanálise

Este texto é resultado de um processo longo e constante de apropriação de um lugar enquanto pesquisadora e autorização de uma narrativa autoral. Estes são os princípios norteadores da prática de pesquisa em psicanálise exposta aqui. A pesquisa em psicanálise requer que haja transferência e desejo de implicação do pesquisador com o tema (POLI, 2008). Para Maria Cristina Poli, é importante que sejam levadas em consideração pelo pesquisador as condições simbólicas e contextuais presentes no que envolve a pesquisa interna e externamente (2008). Isto é, pensar a realidade em termos psíquicos e de laços sociais. Luís Cláudio Figueiredo e Marion Minerbo (2006) chamam de pesquisa em psicanálise, em seu sentido amplo, “um conjunto de atividades voltadas para a produção de conhecimento que podem

manter com a psicanálise propriamente dita relações muito diferentes” (p.258). Essas relações diferentes estarão presentes a partir da subjetividade do pesquisador, como também nos conceitos empregados na reflexão.

Usar a pesquisa em psicanálise como método é uma forma de pensar o sujeito para além do tratamento psicanalítico e envolvido nos fenômenos sociais e políticos (ROSA, 2004). Miriam Debieux Rosa expõe que esta abordagem diz respeito a psicanálise extramuros ou em extensão, que pode ser entendida também como a psicanálise aplicada pretendida por Freud.

A discussão psicanalítica dentro da universidade poderia ser pautada de duas formas distintas: a primeira, voltada em evidência, na apreciação de fatos e na articulação entre clínica, tratamentos e comprovações, já a segunda, deveria ser voltada ao sujeito, trazendo assim, questões para o campo acadêmico. É desta segunda forma que me ocupo aqui. A psicanálise tem como desafio interno do campo a renovação e invenção do seu saber e prática, “para cada analista, como para cada caso clínico, é necessário reinventar toda a psicanálise novamente” (POLI, 2008, p.155). No interior da universidade, em um curso de pós-graduação em psicologia, com um tema de pesquisa que se enlaça entre psicanálise e feminismo pensamos ser possível essa renovação de discursos. É através do exercício de questionar e interrogar saberes em oposição que o discurso pode avançar.

Anna Carolina Lo Bianco (2003) afirma que nos procedimentos investigativos em psicanálise podemos adotar a posição de assumir que estamos falando de nós, de questões que nos afetam e nos fazem sentido. Por isso que o texto é em primeira pessoa e segue o princípio metodológico psicanalítico de transmitir, através da escrita, como aquilo que estudei me transpassou como sujeito. O trabalho nesta pesquisa sempre se dá a nível de tradução, pois perpassa um sujeito e sua própria narrativa. O ato de escrever é extremamente importante nesse processo. Miriam Debieux Rosa e Eliane Domingues (2010) afirmam que a experiência do pesquisador com os dados, quando transformada em texto, realça marcas, efeitos e sentidos. Estes sentidos se manifestam através de um trabalho com o significante do autor. Na escrita é preciso aparecer o que produz sentido para quem escreve. “Mais do que pelo tema e lugar, a pesquisa em psicanálise se define pela maneira de formular questões” (ROSA & DOMINGUES, 2010, p.18).

Entendo que nesta pesquisa o questionamento é feito em caminhos cruzados, por diferentes campos de conhecimento. Isso me permite pensar nos leitores desse trabalho como sujeitos que atravessam discursos psicanalíticos, sociais e políticos. Foi por reconhecer o atravessamento subjetivo na pesquisa científica que eu trago, neste trabalho, a figura do *flâneur* para justificar a construção livre e afetiva deste processo.

Walter Benjamin define o *flâneur* como “Ocioso, caminha como uma personalidade, protestando assim contra a divisão do trabalho que transforma as pessoas em especialistas. Protesta igualmente contra sua industriabilidade” (BENJAMIN, 1989, p.50). O *flâneur* é uma figura contestatória da sociedade moderna e das consequências do capitalismo. Na poesia de Baudelaire, o *flâneur* é aquele que vagueia sem rumo pela cidade. Ele anda à toa. Mesmo sem ir a um lugar específico está atento as histórias do lugar através da observação e da experimentação enquanto caminhante. O *flâneur* retira desse processo o prazer estético da vida em sociedade. Martha D’Angelo (2006) esclarece que a *flânerie*, ato de flânar pela cidade, permite que se ande livremente, é possível fazer paradas, mudar rotas e deixar-se levar pelo que aparece no caminho.

Para D’Angelo o desejo pelo ócio não é exclusivo do *flâneur*. A autora ressalta que “A partir da modernidade, esse desejo deixa de ser reconhecido como um direito legítimo do poeta, tal como ocorria anteriormente. Essas circunstâncias transformam a *flânerie* numa arte, exigindo o seu cultivo uma postura heroica” (p.246). Luísa Pires e Roselene Gurski (2017), através de aproximações entre a figura do *flâneur* e a do psicanalista, propõem esta metodologia psicanalítica nomeada de escuta-flânerie. Nas palavras das autoras

Relacionando a posição do flâneur com a do psicanalista, enunciamos o catador de restos que, a partir do que seria descartado ou negado, oferece, em sua destoante postura, um espaço para o tropeço, o impensável e o detalhe - de onde podem vir a se produzir novas formulações acerca das mesmas coisas (2017, p.29)

Para as autoras, a *flânerie* pode ser entendida como uma contrapartida corporal à atenção flutuante. Importante instrumento no processo de escuta da psicanálise. Elas exploram essa metodologia no ambiente de instituições socioeducativas, mostrando a importância da presença materializada do psicanalista nesses espaços. A materialidade do transitar e a imaterialidade do inconsciente são explorados nessa investigação durante os momentos constitutivos dessa pesquisa. Está na minha experiência pessoal com o tema, no trânsito teórico interdisciplinar da formação, nas sensações durante os processos de entrevista e na elaboração posterior de minha escrita.

Os caminhos da investigação-flânerie

A *flânerie* torna possível criar uma narrativa própria devido ao olhar atento e observador. Tomamos a investigação-flânerie na pesquisa por entender que a autenticidade na

escrita é resultado de todos os lugares que andei e das coisas que recolhi dos mesmos. Meu questionamento sobre o sujeito do feminismo e sobre a relação deste com a psicanálise tem um porquê de existir. É o trajeto acadêmico feminista e psicanalítico que fiz que me autoriza essa forma de fazer pesquisa. Parto do reconhecimento que este trabalho começou no momento em que andei entre grupos feministas, ouvi discursos distintos, li diversos textos, estudei teorias variadas e fui questionando-me sobre atitudes e posicionando-me sobre visões próprias, até chegar na problemática do sujeito.

Essa forma de buscar saber sobre o problema de pesquisa me permite, através das lembranças e dos encontros com autores, teorias e outras formas de conhecimento, construir meu texto juntando estes fragmentos. Isto é, não definir de antemão que autores, livros ou textos específicos usarei nesse processo, e sim, pelo acontecimento da pesquisa, pela escuta do testemunho das psicanalistas, pelas afetações que estas me causaram, pelas reflexões que fiz e pelas que abandonei, é no ato da escrita e do retorno ao que li, escutei ou falei que vou tecendo minha argumentação.

O ato de flunar durante a pesquisa aponta que as questões recolhidas durante a investigação, e expostas posteriormente em forma de texto, não vieram de um mero acaso. Dentro de um campo aberto entre a psicanálise e o feminismo existiu um passeio, no qual, se em algum momento eu achei algo de interessante, relevante e, portanto, significativo, não há motivos para não os usar nesse texto.

Como então, tudo que eu recolhi de saber para construir esse texto irá se transformar em ciência? A discussão sobre o que pode ser considerado ciência ou não é demasiado longa e não é de meu interesse aqui. O que é imprescindível de expor é que o pulo do saber ao conhecimento ocorre a partir do momento em que esta narrativa é endereçada ao laço social. Sem me desconectar de uma perspectiva psicanalítica deste processo, posso afirmar que na medida que desconstruímos certezas apriorísticas e passamos a pensar em um processo de apreensão a posteriori do que é vivido, escrito, lido e escutado estamos, então, na lógica do conhecimento.

DISCUSSÃO

Nesta parte do texto meu objetivo é expor teoricamente em termos psicanalíticos e feministas o sujeito de quem eu falo. Na primeira parte será exposta a problemática de um feminismo centrado em ideias representacionais e como a psicanálise pode contribuir com tal questão. Após isto, entrarei na história das psicanalistas com sua apropriação do tema. Isso possibilita de vermos as formas possíveis da psicanálise se envolver com tais questões. Depois

irei articular uma discussão entre psicanálise, gênero e feminismo, apontando as limitações e potencialidades dessa conversa.

Estranhando o feminismo

Embrenhar-se ao estudo do feminismo na vida acadêmica requer uma contextualização histórica dos movimentos que construíram o pensamento feminista atual. A historiadora Joana Maria Pedro se refere ao feminismo como “um movimento social visível”, tendo início no final do século XIX. Os primeiros gritos do movimento feminista bradavam por direitos civis igualitários, pela possibilidade de mulheres serem sujeitos políticos, adquirissem a possibilidade de votar e serem eleitas. Somava-se a isso a reivindicação de direitos sociais e econômicos, ou seja, direito ao estudo, trabalho remunerado, herança e propriedades (PEDRO, 2005). Estas eram as reivindicações do feminismo de primeira onda. Após alcançar certos direitos o movimento feminista passa a se ocupar das relações de poder existentes entre homens e mulheres, pois de pouco adiantava alcançar direitos civis e políticos assegurados por leis sem o reconhecimento da mulher como sujeito legítimo dos mesmos pela sociedade.

O feminismo de segunda onda, datado pós Segunda Guerra Mundial e nos primórdios dos anos 60, buscava o direito ao corpo e ao prazer e se colocava contra o poder dos homens sobre as mulheres entendido nesse contexto como patriarcado. (PEDRO, 2005). A segunda onda feminista aparece para questionar as relações de poder estabelecidas e mediadas pelo gênero. É importante ressaltar que esse feminismo, que compreendemos como sendo de primeira e segunda onda, é um feminismo localizado em moldes de uma sociedade ocidental, burguesa e centralizada em países do Norte, principalmente Estados Unidos e França. Separar o feminismo em ondas foi uma forma de traçar a história do início da movimentação feminista pela luta de direitos.

Hoje já existem discussões sobre uma teoria feminista que partem do sul-global, que pense a teoria e o movimento a partir de uma perspectiva localizada. Autoras como Raewyn Connell e Maria Lugones pensam a descolonialidade do gênero. Partindo do pressuposto que as teorias feministas buscam descentrar a produção de saber, devemos ter um olhar crítico a geopolítica do conhecimento (CONNEL, 2016). Para Lugones (2014), as mulheres em contextos diferentes do nosso também possuem formas de agenciar sua resistência, sendo assim, não cabe ao feminismo hegemônico, entendido como o feminismo de mulheres brancas e bem posicionadas socialmente falar por essas outras mulheres.

Como venho afirmando ao longo do texto, diferentes lugares produzem diferentes

sujeitos. É na percepção de que existem opressões específicas, que não fazem parte de uma pauta feminista centralizada, que o feminismo de terceira onda se forma. Este é um feminismo que não aceita a universalização do conceito mulher e a demarcação de bandeiras feministas específicas. Ele permite pensar as relações de gênero e as diferentes intersecções entre os sujeitos. A terceira onda feminista reúne narrativas do processo de socialização de diferentes mulheres e das interseccionalidades que as atravessam.

Pensar a interseccionalidade dentro do feminismo é reconhecer a existência de mulheres negras, lésbicas, pobres e transexuais. Mulheres que não se enquadram em um padrão normativo de gênero ou de cor e classe. Mulheres que sofrem a opressão do gênero com outras adições de especificidades. Isso demarca como o feminismo é múltiplo e diz respeito a muitos sujeitos.

Como então conceber uma forma de libertação que seja para todas as mulheres, cis ou trans, representadas pelo feminismo? E será que é apenas a partir da libertação das mulheres que o feminismo deve se ocupar? Eis aí um ponto de cisão dentro do movimento e da teoria feminista. É nesse ponto que a psicanálise apresenta sua problemática para o feminismo – a concepção de que o feminino é uma questão para o sujeito, seja este homem ou mulher.

Na posição de pesquisadora pude transitar por diferentes espaços e discursos feministas. Nestes lugares, dei-me por conta que entre a posição política e a posição desejante do sujeito, se esperava, na maioria das vezes, que a primeira fosse a escolhida. Ou seja, certas bandeiras feministas, em prol de um ideal representacional, solapavam o desejo. O desejo de que falo é aquilo que coloca o sujeito em relação com os outros. Para Freud, o desejo é movido pela sexualidade e é inconsciente, sendo realizado via sonho e via fantasias. Lacan irá aprofundar essa ideia. Ele une a ideia de Freud de que o desejo inconsciente é um desejo de realização junto com sua noção de desejo baseado no reconhecimento, ou seja, o desejo do desejo do outro (ROUDINESCO & PLON, 1998).

Lacan diferencia o “outro” e o “Outro”. Esse pequeno outro é entendido como um duplo de nós mesmos, como o eu dos sujeitos, algo muito similar a nós. O “grande Outro” é um lugar simbólico que traz o princípio de alteridade radical, que não é reduzível a uma identidade própria. O filósofo Slavoj Žižek, no livro *Como ler Lacan*, interroga se o “grande Outro” “É o mecanismo anônimo da ordem simbólica, ou um outro sujeito em sua radical alteridade, um sujeito do qual estou separado para sempre pelo muro da linguagem?” (2010, pp. 53-54). Neste trabalho, entendemos o “grande Outro” como uma instância própria da linguagem que constitui nosso desejo e serve para nos alienar. É um lugar vazio, pois não existe uma representação própria, apenas atribuímos ele a pessoas, lugares e significados.

Para Zizek (2010) a fórmula “É como outro que ele deseja” é ambígua, pois pode significar que o desejo é predeterminado pelo espaço simbólico que habitamos e que o sujeito só irá desejar quando experimentar o outro como desejante. Nas palavras do filósofo, “O outro não só se dirige a mim como um desejo enigmático; ele também me confronta com o fato de que eu mesmo não sei o que realmente desejo, do enigma de meu próprio desejo” (pp.55-56). É aí que o trabalho psicanalítico de análise se faz presente, o sujeito irá buscar descobrir seu real desejo. Definir o que é seu e o que é do Outro. Pensar o feminismo atravessado por um olhar psicanalítico é marcar a ideia de um sujeito identitário como algo contrário ao reconhecimento do desejo.

O feminismo é extremamente importante em termos políticos, em momento algum negamos sua necessidade ou fator social. Uma crítica sociológica pertinente a esse pensamento é a ideia de que precisamos pensar coletivamente para que seja possível avançar politicamente. A psicanálise reconhece isso, porém a intenção nesse texto é a de refletir sobre ideias pré-estabelecidas e definidas de sujeito a partir do entendimento de que cada sujeito irá ter para si uma forma de se reconhecer enquanto tal, e este reconhecimento deve ser próprio, colado a sentidos e significados próprios e não em identidades pré-estabelecidas.

Jacques Lacan (1979), desenvolve uma nova forma de pensar o campo de construção da realidade humana. Para ele existem três registros dessa realidade. O simbólico – na qual a existência é sempre pré-existente, ou seja, existir no discurso do outro antes mesmo de existir no discurso próprio, nessa dimensão todos os significados são dados nos outros -, o campo imaginário – pelo qual se entra no mundo humano, lugar das fantasias do sujeito -, e o campo do real que é o campo do impossível, o que não pode ser pensado e escapa do registro simbólico e imaginário, aquilo que não para de não acontecer. O sujeito só é sujeito na medida em que articula tais campos, não pode ser reduzido a um indivíduo, pois é um acontecimento singular amarrado pelo discurso.

Na introdução ao título do seminário 18 - *de um discurso que não fosse semblante (1971/2009)* -, Lacan explora o que é um discurso. Ele afirma que de modo algum um discurso teria como referência um sujeito, embora este seja dominado pelo discurso. Para Lacan (1971/2009), o discurso se funda em uma estrutura. Por isso que aqui, quando falo em discurso da psicanálise ou discurso do feminismo estou falando de um conjunto de regras, técnicas e formas de pensar o mundo e também o sujeito.

O discurso é da ordem simbólica, da prática social e de toda forma de linguagem que antecede o sujeito, tudo aquilo que é cabível de interpretação, ou seja, ele é pré-existente às narrativas que o sujeito irá criar para si (DUNKER, 2005).

[...] sujeito só aparece depois de instaurada em algum lugar a ligação dos significantes. Um sujeito só pode ser produto dessa articulação significativa. O sujeito como tal nunca domina essa articulação, de modo algum, mas é propriamente determinado por ela (LACAN, 1971/2009, p.18).

Christian Dunker (2005) expõe, sobre essa questão, que o grande confronto do sujeito se dá na existência de uma ordem que nos constitui sem ter um significado. O que fazemos enquanto sujeito é criar narrativas em cima dessa ordem. E fazemos isso nos perguntando o que ela espera e quer de nós. Nos colamos a determinados discursos para dizer quem somos, porém ter um discurso não quer dizer que sejamos autores do mesmo.

É então que o autor chama a atenção para a narrativa, que é a fala do sujeito sobre seu lugar enquanto tal. A narrativa está dentro do discurso e é o modo como o sujeito organiza aquilo que acontece com ele (DUNKER, 2005). Criamos narrativas, pois os fatos materiais apresentados não são suficientes para que saibamos quem somos.

Quando eu falo com alguém sobre um sujeito pode ser que não estejamos falando do mesmo sujeito, dado que cada um de nós pode pensá-lo de uma forma. Isso serve para o feminismo e para a psicanálise também, nem sempre estaremos falando em um entendimento convergente sobre esses discursos. Esse sujeito que sabe, mas não sabe muito bem quem é, o sujeito psicanalítico que permite pensar a posição do sujeito dentro do feminismo.

A teoria lacaniana se coloca a pensar o sujeito de maneira diferente e mais elaborada que Freud fizera. Explorando os termos estruturais que compõe o sujeito, Lacan consegue trazer como questão as normas sociais e suas imposições (SOLER, 2005). Esse ponto permite pensarmos que a normatividade não pode ser um argumento aceitável na discussão psicanalítica. O mesmo não pode acontecer com o feminismo. A problemática feminista está presente quando definimos modelos estáveis de sujeitos representacionais que servem de embates políticos, impossibilitando o desenvolvimento do feminismo em termos políticos, teóricos e subjetivos. É por considerar que a psicanálise é capaz de fazer questão ao feminismo através do envolvimento no debate sobre gênero que busquei conhecer como as psicanalistas que fazem este debate construíram seu discurso.

Psicanálise, Gênero e Feminismo: narrativas possíveis

Minha intenção com essa pesquisa foi a de resgatar, na trajetória das psicanalistas citadas anteriormente, o que as motivou a dialogar com a psicanálise e as questões de gênero em suas diferentes formas. Através dos testemunhos delas pude perceber como a inserção do

tema gênero em seus estudos aparece junto de vivências e experiências de afetação pessoal. Serão expostos aqui o modo como cada uma das psicanalistas organizou o que aconteceu com elas no que diz respeito ao tema de estudo.

Depois de cada conversa percebi que fiquei com impressões e sentimentos diferentes. A Patrícia Porchat me mostrou como as questões sobre psicanálise, gênero e sexualidade sempre estarão demandando novos discursos e que é necessário fazer escolhas e definir pontos de partida para este debate. A Maria Rita Kehl levantou questões históricas e sociais extremamente pertinentes nessa construção. Durante nossa conversa percebi a importância de pensar a teoria em relação com a estrutura social da época. E a Miriam Chnaiderman me surpreendeu com um testemunho muito pessoalizado e com a visão de uma psicanálise comprometida com sujeitos que fogem as normas binárias da sociedade.

A diversidade no discurso foi uma surpresa. Tive que lidar com o inesperado, o desconhecido e descobrir durante o processo o que fazer. Além de surpreendida pelos testemunhos, percebi que eu estava realmente em conexão com a minha forma de pesquisar. A metodologia aqui se fez na caminhada, e mostrou como é impossível prever ou controlar o acontecimento que é pesquisar. Através da exposição do testemunho delas vou apontando as críticas e questões psicanalíticas e feministas que participam do entendimento sobre o sujeito.

O convite a Maria Rita Kehl foi feito pessoalmente, encontrei-a em um evento da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Expliquei a ela o trabalho que estávamos fazendo e me informou que não era a melhor pessoa para falar sobre feminismo, dado que não é esse seu foco de discussão. Ainda assim, insisti. Disse que mesmo que não falasse sobre o feminismo de maneira objetiva, suas questões sobre a mulher e o feminino repercutem em uma teoria psicanalítica voltada a olhar tais demandas. Quando questionada sobre seu processo de construção quanto as questões do feminino, da mulher e de gênero respondeu:

Primeiro eu sou mulher. Segundo eu sou da geração que aqui no Brasil é a primeira geração feminista (Maria Rita Kehl, 04 de julho de 2017).

Penso que ela, ao colocar o ser mulher nessa resposta, marca como nossa posição de gênero diferencia relações e lugares discursivos. A psicanalista ressalta que se identificou como feminista, porém nunca participou da radicalidade feminista que passa a ideia de haver uma bronca com os homens. Sobre isso ela expôs que pode não gostar de certos homens ou de certas atitudes, mas não deixa de gostar do gênero por isso.

Este ponto é extremamente relevante nesse trabalho, se considerarmos que existe uma problemática feminista quando há, por parte de algumas vertentes do pensamento, exclusão total do campo masculino nas práticas políticas e discursivas. Maria Rita Kehl, no livro *Deslocamento do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade* (1998), afirma a inexistência da mulher universal da mesma maneira que não existe o homem universal. “Esta segunda miragem, sustentada pelo significante fálico, parece encontrar uma ressonância imaginária que o conjunto de mulheres nunca será capaz de produzir” (KEHL, 1998, pp.34-35).

Mesmo que possuam em comum este significante é imprescindível entender, a partir da ética da psicanálise, que mulheres e homens são construções que estão sujeitas a contingência, pois existem em determinados momentos históricos e podem mudar (KEHL, 1998). Em um texto chamado *A mínima diferença* (1992), Kehl observou a existência um mal-estar entre as pessoas no que diz respeito a sua sexualidade. São muitos os questionamentos na clínica psicanalítica de homens e mulheres buscando a verdadeira masculinidade e feminilidade diante da interpenetração destes territórios. Nesse texto ela argumentou que as meninas são subjetivadas ao tentar buscar algo que não tem, e os meninos pelo medo da perda. Por isso afirma que da mulher não há como se roubar a feminilidade e que, assim, reclamamos o masculino como algo próprio e que foi roubado de nós, diferentemente dos homens, nos quais toda a feminilização é sentida como perda, como algo aterrorizante e, portanto, odioso (KEHL, 1992).

Maria Rita Kehl é também jornalista e contou que, mesmo não se ligando a nenhum movimento feminista de forma ativista, ela gostava muito de um jornal feminista dos anos 1980 chamado *Mulherio*, no qual o feminismo era uma questão de debate.

Eu gostava muito desse jornal porque ele não era um jornal nem de acusação contra os homens e nem de uma defesa da superioridade feminina. Era um jornal em que as mulheres se manifestavam sobre temas de nosso interesse e criticavam sim atitudes machistas e pontos de vistas machistas nas discussões (Maria Rita Kehl, 04 de julho de 2017).

Disse que chegou a escrever textos e participou da comissão editorial do jornal. Contou que na época, o assassinato de Ângela Diniz pelo namorado Doca Street, que alegou ter matado por amor, movimentou uma campanha importante: *quem ama não mata*. Maria Rita afirmou que estes foram momentos de se aliar as discussões desse universo das mulheres e por consequência das reivindicações feministas. Foi quando se tornou psicanalista que disse ter se rebelado um pouco com certo pressuposto da psicanálise, que ela acredita ser uma

incompreensão da teoria, como se esta fosse sempre levada ao pé da letra.

Quando Freud diz que a menina se sente inferior porque não tem pênis. A criança, ele tá¹ falando de teorias sexuais infantis. Ele não tá falando de uma inferioridade da mulher. Tem muita gente que fica brava porque o Freud diz que a mulher é inferior. A palavra castrado no Brasil é uma palavra pesada não é? Mas que o Freud usa para falar de toda nossa condição humana de incompletude. Ele usa castrado para falar disso. Ele usa castrado para falar de falta de pênis, mas ele diz que a criança pequena quando percebe que o menino tem e a menina não tem, na lógica da criança, que mede as coisas por quem é maior, por quem é menor. [...]A menina se convence de uma certa inferioridade por não ter aquele orgãozinho a mais e o menino de uma certa superioridade. Só que o menino, pensa que a menina perdeu porque ela se comportou mal. Então o menino é muito, a formação neurótica do menino é ligada ao que a gente chama de angústia de castração. Que na pequena infância é o medo de perder realmente o pênis né, mas que nos subjetiva na vida adulta, principalmente aos homens, com o medo de perder algum atributo que a gente chama de falo, que da poder, que da uma satisfação de ser mais completo e a menina então se subjetivaria com uma certa inveja do pênis no começo, uma certa inveja do menino e por uma demanda fálica diria assim, querendo reconhecimento do seus outros atributos que tem valor. Eu vou aqui usar a palavra fálica como fenômeno do que atribui valor ao sujeito (Maria Rita Kehl, 04 de julho de 2017).

É importante afirmar que o *falo* é um dos conceitos que é interpretado de forma diferente na psicanálise para Freud e Lacan. Para Freud é o organizador da sexualidade que permite ao sujeito representar aquilo que não há representação no inconsciente, que é o sexual, por isso que ele irá afirmar que o inconsciente não conhece sexo. Na perspectiva de Freud, a falta fálica, entendida como ter ou não ter o pênis, é o núcleo do ser feminino. Já na perspectiva Lacaniana, não é mais o pênis que está em questão, o falo é o significante da falta e, como todo significante, tem um lugar no discurso do Outro (SOLER, 2005). A forma que Lacan vê o falo influencia a forma que ele vai reler o complexo de Édipo de Freud. Em um primeiro tempo pensa-se a criança como falo da mãe – ela é o objeto que falta a mãe – se a criança é isso, então falta algo à mãe. Em um segundo momento acontece a operação da função paterna e o objeto de desejo passa a se situar fora do campo materno para criança. A função paterna é tomada como desejo e como temor. No próximo momento o falo se torna o significante da falta, ou seja, a insígnia que aponta para o desejo. Se algo nos falta, nos mexemos para ir em busca, será esta falta que move nosso desejo (SOLER, 2005).

Maria Rita Kehl acrescentou:

Fui lendo cada vez mais e fiquei também um pouco revoltada pensando como

¹ A entrevista transcrita mantém a forma coloquial da palavra falada.

a psicanálise lacaniana assumiu um pouco essa, essa visão não é, da inferioridade da mulher, da inferioridade fálica da mulher, da incompletude da mulher, que tem consequências pra subjetividade, como se a mulher nunca completasse o Édipo que é uma coisa que o Freud também vai dizer não é (Maria Rita Kehl, 04 de julho de 2017).

Se para Freud a questão estava entre ter ou não ter o falo, para Lacan passa a questão de ter ou ser o falo. A mulher não o tem, ela o é. Colette Soler, psicanalista lacaniana, em seu livro *O que Lacan dizia das mulheres*, afirma que a mulher só é o falo no seu nível de sua relação com o homem. A autora expõe sobre as formulações de Lacan para especificar o lugar “da mulher”

Todas fazem dela o parceiro do sujeito masculino: ser o falo, isto é, o representante do que falta ao homem, depois ser o objeto causa de seu desejo e, por fim, ser o sintoma em que seu gozo se fixa. Todas, como vemos, definem a mulher como relativa ao homem e não dizem nada sobre seu possível *ser em si*, mas apenas sobre seu ser para o Outro (SOLER, 2005, p.29).

Para a psicanalista, a objeção feminista está presente no nível da metáfora fálica quando denuncia imagens e símbolos da cultura que funcionam como formas coercitivas sobre a mulher. Admite que Lacan, diferentemente de Freud, reconhece que a mulher é uma invenção da cultura e assim muda de forma conforme mudam-se as épocas (SOLER, 2005).

O reconhecimento da mudança da mulher em termos culturais e sociais é o que impõe a psicanálise uma reconfiguração do seu entendimento sobre o sujeito. Soler expõe que mesmo que o tempo histórico em que Freud e Lacan produzem suas teorias seja diferente isso não é o suficiente para justificar uma posição normativa de Freud que é nas palavras da autora: obsoleta (SOLER, 2005). Ela afirma que a problemática fálica é algo impossível de se evitar, pois “a partir do momento em que o significante está no Outro do discurso, ele entra em jogo desde a mais ínfima demanda, feita a seja que outro for, homem ou mulher, a começar, muito especialmente, pela mãe, que é determinante nisso, como bem percebera Freud” (SOLER, 2005, p.31).

Após esclarecer a castração como condição de todos nós, podemos afirmar que ela vai funcionar como uma forma de suportarmos a diferença. Essa diferença vai ser marcada pela circulação do falo. Circulação porque a falta que ele representa está sempre sendo apontada e sentida por todos, sejam homens ou mulheres. Podemos pensar o falo como um espaço de movimentação do lugar de poder na sociedade e então, questiono se existe hoje um excesso fálico? Existem sujeitos que não desejem o lugar fálico? Ou é uma questão para todos, abarcada,

inclusive pelos movimentos sociais, como é o caso do feminismo?

Maria Rita Kehl desenvolveu um discurso muito cuidadoso e atento ao tempo presente. Ela expõe como os novos tempos trazem novos sujeitos. O princípio que define o masculino e o feminino abrangem e flexibilizam com as mudanças da cultura. O que é um homem? O que é uma mulher? Mudam-se as identificações, mudam-se as exigências e os padrões de comportamento. Mudam então as representações de si e os sintomas. A mínima diferença que está presente é a diferença no modo de subjetivação do sujeito (KEHL, 1992).

Até aqui já podemos constatar que cada sujeito irá se subjetivar de maneira diferente. E que, a sexualidade e tudo que ela envolve são essenciais nesse processo de subjetivação. A entrevista com a Patrícia Porchat mostrou como o olhar da psicanálise para o gênero deve ser singular, autônomo e ousado. Ela se aproximou do tema através do trabalho clínico. Contou que tinha em seu consultório alguns homens gays como pacientes. Dali tirou suas questões para fazer um doutorado sobre a “pegação” no mundo gay. Ela disse

Eu fui estudando bastante sobre a homossexualidade na psicanálise. E me incomodava o fato de aparecer sempre essa questão da perversão né. Do diagnóstico. Mas o que que é a perversão, o que faz sentido em Freud, em Lacan. Enfim, não gostava de que a abordagem pudesse eventualmente ter que ser por aí. Eu cheguei na qualificação e não deu outra. Na qualificação o pessoal da banca falou claramente bom, você vai ter que estudar profundamente a noção de perversão em Lacan. E aí eu fiquei bloqueada e falei não, eu não quero isso. Eu não quero ter que dizer que é perversão para dizer que não é perversão (risos). (Patrícia Porchat, 04 de setembro de 2017).

Nesse testemunho aparece a insatisfação e o incômodo com alguns conceitos psicanalíticos que são colocados como fundamentais no processo de apreensão sobre determinados sujeito. Nesse caso, trazer o conceito de perversão é, ao meu ver, uma forma de legitimar esse lugar da patologia dentro da questão do gênero e da sexualidade na psicanálise. Partir da perversão para depois negá-la ou desconstruí-la irá gerar efeitos em quem lê sobre este trabalho. Um dos efeitos possíveis é acionar a visão da pessoa enquanto perverso antes da pessoa como um sujeito.

Ao se aproximar dos textos de Judith Butler, Patrícia Porchat se deparou com a demanda de entender o gênero. Sua pesquisa se ocupou a discutir o conceito de gênero na psicanálise usando como interlocutora a autora Judith Butler. Em sua tese: *Gênero, Psicanálise e Judith Butler – do transexualismo a política*, ela expõe que precisamos admitir que Freud, ao procurar explicar o desenvolvimento da masculinidade e da feminilidade, já se ocupava com questões de

gênero mesmo sem a intenção de fazê-lo (PORCHAT, 2007).

Sobre o gênero ela expôs:

Uma das coisas que eu escuto as vezes é assim “ah gênero não é um conceito psicanalítico” né, gênero não é um conceito do Freud, gênero não é um conceito do Lacan. Tá, mas gênero é um conceito do Stoller. E o Stoller era psicanalista não é? E o Stoller quando começa a trabalhar com o gênero no final da década de 60 era da Sociedade Psicanalítica Americana, então por que que gênero não é um conceito psicanalítico? Quer dizer. Quais né, (risos) quais psicanalistas e quais teorias podem criar conceitos? (Patrícia Porchat, 04 de setembro de 2017).

A interrogação que Patrícia Porchat faz nesse fragmento é relevante para pensarmos a elitização e institucionalização do saber, neste caso o saber psicanalítico. Logo no início de *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*, Judith Butler traz à superfície o reconhecimento da instabilidade do feminino e do significado da mulher, problematizando as implicações subjetivas, políticas e teóricas disso. Nas palavras da autora

A complexidade do conceito de gênero exige um conjunto interdisciplinar e pós-disciplinar de discursos, com vistas a resistir à domesticação acadêmica dos estudos sobre gênero ou dos estudos sobre as mulheres, e a radicalizar a noção de crítica feminista (BUTLER, 2016, p.13).

Butler (2016) defende que o feminismo não necessita definir identidades para seguir sua tarefa política, pelo contrário, deve se questionar sobre quais seriam as possibilidades políticas que surgem de uma crítica radical a noção identitária (BUTLER, 2016). Ela pergunta se a busca pela identidade comum do sujeito feminista para embasar políticas não estaria impedindo uma descoberta radical sobre as construções e as normas políticas da identidade de qualquer sujeito.

Durante nossa conversa, Patrícia relembra que as feministas francesas da década de 50 e 60 teciam críticas à psicanálise, da mesma forma que fizeram antropólogas e sociólogas. Críticas feministas que não eram levadas em consideração. Ela manifesta o incômodo com isso e um estranhamento em pensar que a psicanálise começou a olhar as pautas feministas através do aparecimento visível da transexualidade. Sobre isso ela afirmou

Eu fico com uma pulga atrás da orelha assim que vindo das feministas parecia reclamação histórica tá. Vindo da questão da transexualidade vem um não só patologia, vem um, alguém que põe o dedo na questão da diferença sexual né. De um jeito talvez um pouco mais, talvez teoricamente ou pelo menos que um grupo de psicanalistas olha como se dizendo: precisamos responder a isso teoricamente. Enquanto vinha das feministas também precisava responder

teoricamente, mas eu acho que é muito uma questão de machismo mesmo, de desconsiderar por ser uma reivindicação vinda de mulheres. E a transexualidade vai mais pro plano teórico né, político até né. Bom, enfim, da patologia também (Patrícia Porchat, 04 de setembro de 2017).

A psicanalista também atestou que trabalhar com tais questões dentro da psicanálise é um processo solitário. Contou que muito do que construiu foi junto de grupos pequenos de pessoas que se interessam pelo tema e manifestou a necessidade de unirmos sujeitos interessados em uma psicanálise que se ocupe do gênero, pois cada vez mais precisamos de profissionais com posicionamentos discursivos que estejam a serviço do sujeito e não da norma limitadora da sociedade.

É por isso que quando eu perguntei à Patrícia Porchat: *como poderíamos ver hoje as possibilidades de encontros, paradoxos e articulações entre a psicanálise e o feminismo?* Ela me respondeu

Qualquer tentativa de elucidar alguma coisa é qual psicanálise com qual feminismo e não a psicanálise de modo geral. Eu acho que os dois lados topam um com o outro as vezes um pouco como se fosse uma coisa só. A psicanálise entende as vezes o feminismo como se fosse o mesmo feminismo e o feminismo entende também a psicanálise como se fosse uma única psicanálise (Patrícia Porchat, 04 de setembro de 2017).

Essa fala manifesta a exigência da localização do saber na construção do conhecimento. A localização do saber é uma tomada de decisão discursiva, uma escolha teórica que tomo como aliada nos entendimentos que construí sobre o sujeito do feminismo e o sujeito da psicanálise. Eu só consigo expor e problematizar o feminismo neste trabalho por causa da psicanálise que me guia e é pelos questionamentos dela que sou capaz de visualizar o feminismo dos sujeitos. Entendo que as discussões feitas por Lacan e pelos pós-lacanianos são as que permitem essa discussão. Todo psicanalista que deseje subverter uma ordem biologistica e conservadora e que se permite pensar a realidade social e a necessidade política de existência do sujeito hoje pode fazer esse debate. Considero as psicanalistas entrevistadas incorporadas nessa definição.

Enquanto ouvinte dos testemunhos que venho expondo aqui, percebo que o ato de escrever sobre eles é o que os transforma em conteúdo pertencente a mim. Escrever sobre o que se escuta e o que se lê é o que constrói o conhecimento. O testemunho de Miriam Chnaiderman me presenteou com falas afetivas. Foi uma surpresa, pois diferente das interlocutoras anteriores, ela narrou como se sentia nos seus processos investigativos. Disso percebi que toda construção teórica e discursiva passa pelos nossos afetos.

Ela disse que se sente interrogada pelo mundo e usa isso nos seus documentários, permite-se afetar pelo que está por vir e que não é possível prever. Questionei se a forma que ela pensa gênero estaria sob influência da época em que se tornou psicanalista. Sobre isso disse que sim, e acrescentou

Acho que eu também tenho uma formação mais, mais sei lá, vou falar mais múltipla porque eu fiz meu mestrado em semiótica sobre literatura e psicanálise, fiz meu doutorado sobre o trabalho de ator, Freud e Stanislavski, ãn. Trabalhei muito, entrei em filosofia e trabalhei muito Deleuze. Então sempre teve um trânsito que não é exatamente, não sou uma psicanalista que só lê o Freud ou Lacan. Então eu tenho... acho que os temas também dos meus documentários brotam de uma imensa curiosidade pelo mundo, de uma imensa vontade de mergulhar no mundo. E de mergulhar mesmo! Quando eu mergulho e vou pra rua fazer um documentário eu não sei nunca o que vai acontecer né. então eu vou. (Miriam Chnaiderman, 14 de setembro de 2017).

A postura de Miriam Chnaiderman me levou ao encontro de uma psicanálise inserida na realidade social e política local. É da percepção do que mexe com ela no mundo que esta põe-se a investigar. O apontamento da psicanálise em relação com outros saberes deve ser uma posição política defensiva de uma teoria comprometida com o sujeito. A sociologia, a antropologia e a filosofia criam questões à teoria psicanalítica. A linguística utilizada por Lacan permite um entendimento maior do inconsciente.

Afirmando que outros saberes criam tensões para os psicanalistas podemos fazer o caminho inverso e reconhecer as tensões que a psicanálise traz para estes saberes e para a política do sujeito. Este é um dos pontos centrais do trabalho, refletir como a psicanálise apresentada por estas psicanalistas, com quem conversei, questionam uma ideia de feminismo radicalizado e centrado no sujeito representacional, beirando por vezes à um essencialismo e a um retorno às explicações biológicas sobre as condições de gênero dos sujeitos.

Quando questionada se é feminista, Miriam respondeu

Me considero porque eu acho que defender o pluralismo do gênero, a possibilidade de ler gêneros me faz ser feminista sim porque eu acho que a mulher tem tanto direito a se viver múltipla quanto o homem (Miriam Chnaiderman, 14 de setembro de 2017).

Para ela, o feminismo é possível na medida em que se abre para todas as sexualidades possíveis, para todas as formas de gênero possíveis, ou seja, para todos os sujeitos. Sobre isso, Butler (2016) aponta que a representação sempre irá excluir sujeitos da existência política. É

em torno disso que se constrói a crítica dos estudos *queer* ao feminismo enquanto movimento identitário. “A crítica feminista também deve compreender como a categoria das “mulheres”, o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais busca a emancipação” (BUTLER, 2016, p.20)

O que Butler mostra é que a criação das mulheres como mulheres é determinada por discursos que funcionam como formas de exclusão. Isso é percebido no interior do movimento feminista e em suas demandas. Quais são as reivindicações do feminismo? Ao responder isto e construir pautas políticas que podem ou não ser reivindicadas, o movimento feminista exclui sujeitos da possibilidade de virem a ser sujeitos políticos e de desejo. Apesar disso, a autora considera que a representação política em torno de um sujeito do feminismo unificado, é por vezes necessário, isto é, usar estrategicamente da representação.

Ao estabelecer a identidade do sujeito acaba-se por reiterar a norma sexual regulatória da sociedade. No texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/2016) procura organizar um pensamento para definir a sexualidade, ou ao menos tenta, pois não há como fazê-lo dada pluralidade de possibilidades. Nesse texto Freud tenta pensar a sexualidade de uma forma diferente de um dado biológico bruto, busca desassociá-la da reprodução e a define como uma relação humana com o outro, algo muito singular, uma disposição psíquica universal que não é patológica.

Ao definir que a sexualidade não é patológica ele afirma que não deveríamos reprimir suas manifestações, já que, tudo que vivemos sexualmente é o que nos constitui enquanto sujeito. O que Freud não desenvolve a fundo em suas conceitualizações é que as sexualidades são parte de regimes regulatórios da sociedade. Ainda assim, Miriam Chnaiderman aponta que

Freud também fala de um trabalho que a cultura vai fazendo, [...] tem algo do psiquismo que é da cultura e que a gente não pode ignorar. Então eu tenho a impressão que no próprio Freud a gente consegue pensar a questão do gênero. Não, bom, não sei se tão claramente assim acho que tem uma construção a ser feita, mas eu acredito muito que a psicanálise tem instrumentos pra pensar tudo isso. Só falta pensar tudo isso. Falta pensar! (Miriam Chnaiderman, 14 de setembro de 2017).

A conversa que tive com a Miriam trouxe uma virada radical a forma que eu estava construindo minha argumentação de pesquisa. A forma que ela é interrogada pela vida me fez perceber que, mais importante que definir argumentações teóricas, é necessário saber fazer perguntas e duvidar do que está muito bem encaixado nas explicações sobre o sujeito. Nossa subjetividade nunca é traduzida de forma plena. Uma mulher pode ser feminista sendo contrária

a ideais representacionais, da mesma forma que um homem pode ser feminista sem estar do lado feminino do gênero. Até porque feminilidade e masculinidade são processos constitutivos do sujeito, habitam o mesmo espaço e o mesmo corpo. De tudo isso podemos nos ocupar de interrogar o desejo enquanto possibilidade política para o sujeito.

As três psicanalistas contribuem com o desenvolvimento desse debate na medida em que endereçam seu discurso ao laço social. Enquanto pesquisadoras, professoras ou palestrantes, elas produzem contribuições feministas. Cabe aqui ressaltar que o lugar de produção de Miriam Chnaiderman é diferente². No caso do documentário que tive acesso por causa desse trabalho é possível, visualmente, ter uma compreensão de quem são esses sujeitos com suas múltiplas sexualidades e gêneros. Como eles existem ética e politicamente. Miriam mostra uma possibilidade de articular a psicanálise com o gênero, a sexualidade e o feminismo.

Sobre isso, cabe voltar no testemunho da Patrícia Porchat.

Eu acho que a psicanálise pode ajudar a esclarecer alguns dos comportamentos, das vivências das mulheres da nossa sociedade pensando a violência contra a mulher, pensando a hierarquia de gênero, pensando a questão mais antiga da emancipação em relação ao homem, ao poder masculino. Eu acho que a psicanálise certamente lança luz sobre essas questões. Isso seria um dos modos dessa relação. Acho que a psicanálise também ajuda quando se pergunta o que é uma mulher? Mais aí o tanto quanto o que é um homem? Então essa ideia de uma indeterminação, a ideia de uma constituição poli identificações e não a partir de um estado anatômico, mas apenas do que esse anatômico nos serve de base para todo um social que se cria em cima dele, os homens e mulheres sociais e também os caminhos identificatórios. Então eu acho que a psicanálise pode nos ajudar a entender o que é esse homem, o que é essa mulher em função dessa construção. Agora se a gente for pensar um feminismo que tem como base algum tipo de essencialismo, porque muito feminismo tem, ele conversa com uma psicanálise que também tem como base algum tipo de essencialismo no sexo anatômico. Eu acho que é aí que eles se conversam, não é a minha praia, mas eu acho que eles conversam (Patrícia Porchat, 04 de setembro de 2017).

A fala de Patrícia Porchat vai ao encontro das articulações de Miriam Chnaiderman sobre a destituição do binarismo de gênero e do sujeito identitário. Elas direcionam o olhar psicanalítico aos sujeitos que estão fora de uma definição binária e normativa de gênero e sexualidade. Isso abre a possibilidade de encontro com a teoria *queer* e com um feminismo que incorpora sujeitos que estão fora da definição de mulher.

Em uma entrevista feita com Judith Butler, Patrícia Porchat perguntou a filósofa o que

² A conversa com a Miriam Chnaiderman expandiu a forma de pensar o gênero em relação com a psicanálise e o laço social, o que levou a realização de um segundo artigo com maior foco nas falas dela.

é ser feminista hoje e porque ainda há tal necessidade. Butler respondeu que enfatiza que é feminista porque refuta a descrição que fazem dela como uma participante de um movimento pós-feminista. Penso que falar em pós-feminismo é, por um lado, alegar que o feminismo não é mais necessário e que precisamos de outra pauta política. E por outro lado, vindo por parte de algumas feministas essencialistas, dizer que o feminismo que agora se ocupa de pessoas transexuais como sujeito não é um feminismo aceitável ou coerente.

Estas duas formas de pensar o pós-feminismo são ao meu ver problemáticas e desarticuladores. Butler ainda respondeu que

[...] dado esse esforço em me situar numa espécie de quadro pós-feminista, eu resisti à linguagem da identidade. Mas certamente há outras ocasiões em que uso a linguagem da identidade – quando sinto que é extremamente importante marcar certo tipo de posição a esse respeito junto a outra pessoa. Depende do contexto do discurso no qual estou operando (BUTLER, 2010, p.162.).

Essa entrevista é de oito anos atrás e para mim, ainda podemos usar a mesma resposta sobre essa necessidade. Isso diz respeito à contingência do sujeito, seja este o sujeito psicanalítico ou o sujeito feminista. Existe um ato político declarado ao se dizer que é feminista, ao se ligar a alguns discursos e a se reconhecer nos mesmos. Sobre essa entrevista com a Butler, Patrícia Porchat disse que não há dúvidas sobre ser feminista em momentos que convocam o sujeito a isso. Ela citou a marcha “*Ni Una Menos*”, na Argentina, que foi uma manifestação de um número muito grande de pessoas contra feminicídios brutais. Esse ato político é necessário. E para Patrícia os psicanalistas podem ter esse ato nesses momentos.

Os psicanalistas podem ter esse ato e aí é isso. É ser feminista ali naquele momento, pontualmente em relação àquela questão... ãn... eu acho que dá parte do psicanalista tem isso, quer dizer, se ele vai dizer que sou tal coisa cai na questão da identidade e isso seria quase que um paradoxo em relação a atitude que o próprio psicanalista deveria ter né. Eu acho que eu sou um psicanalista deveria estar mais perto do eu sou nada, faço semblante né, mas ao mesmo tempo, se eu for somando a quantidade de vezes que eu já tive que dizer sou feminista eu posso de certa forma dizer que tá, tudo bem, faço semblantes, mas tantos semblantes depois (risos) né. A gente acaba podendo, se permite dizer. Por isso que é um dizer eu sou com uma certa ressalva, com um jogo de cintura pra poder pensar que ao dizer sou eu estou me implicando, mas me implicando no quê? Que circunstância? O que isso significa? Porque o eu sou, ele é vazio!

[...] E porque eu sou uma pessoa, enquanto psicanalista, que está sempre próxima de questões políticas ligadas a esse tema. Não fico trancada dentro do consultório o tempo inteiro. Eu tô na Universidade, eu tô vendo uma série de coisas! Você pode ter analistas que vivem nos seus prédios, nos seus consultórios e eles não precisam dizer eu sou feminista porque eles estão lá em cima, no décimo quinto andar e bom, a vida passa longe não é. Então eu

acho que quanto mais próximo da rua você está mais evidente é que você acaba tomando parte das questões políticas (Patrícia Porchat, 04 de setembro de 2017).

Este trabalho veio afirmando, desde seu início, a presença de uma estrutura social que fabrica discursos e ergue muros entre as pessoas. Primeiro o sexo, depois o gênero. O feminismo aparece como uma das formas de contestar essa estrutura a partir do agenciamento que o sujeito faz da sua vida. No meu entendimento, é possível e mesmo necessário que a psicanálise se sinta cada vez mais convocada a voltar o olhar para o acontecimento feminista.

Isso é justificado pela própria concepção psicanalítica de sujeito empregada nesse texto. Um sujeito que só existe com um outro, que é social e culturalmente formado, um sujeito de linguagem que precisa articular sua percepção da realidade com as fantasias internas e os símbolos sociais. Estes sujeitos existem dentro do discurso feminista e penso eu que, dada visibilidade, crescimento e necessidade política desse movimento nos tempos em que estamos vivendo, seria positivo um novo olhar psicanalítico à um novo acontecimento feminista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conversa que eu tive com cada psicanalista fez com que eu me deparasse com a complexidade do tema que me propus aqui. Chegando ao fim desse trabalho pude perceber que o debate entre o gênero, feminismo e psicanálise exige que o sujeito banque uma posição de resistência. Resistência diante dos conceitos que por si só servem como uma forma de afastar o debate e diante das hierarquias institucionalizadas do saber.

É por transitar entre psicanálise, feminismo e ciências sociais que eu consigo identificar explicações distintas sobre o sujeito. E é com a concepção da psicanálise e como uma teoria do sujeito, comprometida, interessada e em defesa do mesmo, que penso ser possível avançar em termos feministas.

Retomo que meu objetivo neste trabalho foi, desde o início, o de ouvir o que estas psicanalistas tinham a dizer. Sem saber exatamente onde chegaria, tinha a intenção de ver o que se repete, o que se interroga e quais as aberturas possíveis nesse processo. Minhas interlocutoras, cada uma a seu jeito, fazem do exercício psicanalítico uma forma de se envolver com o social. Não estou dizendo com isso que a psicanálise coloca a sociedade no divã, mas que entender as estruturas que nos regulam são importantes para compreender como o sujeito constitui seu desejo e seu sintoma.

Evidencio que dessas entrevistas eu usei o que para mim fez sentido na estruturação

desse texto. O entendimento do meu percurso metodológico é muito importante nessa construção, por isso me ocupei tanto dele. É necessário ressaltar a marca da diferença entre minhas interlocutoras. Maria Rita Kehl olha para o lugar que o feminino é colocado na cultura. Pensa sobre a condição da mulher em uma época que esta era realmente limitada e sem autonomia. E hoje ajuda a perceber esse feminino reestruturado, falando de um outro lugar social. Já Patrícia Porchat, envolve uma discussão desconstrucionista junto de sua interlocutora principal, Judith Butler, mostrando a possibilidade de colocar a psicanálise em discussão com um campo filosófico e político. E por fim, mas não menos importante, Miriam Chnaiderman mostrou uma psicanálise questionada e levada ao laço social, trazendo uma necessidade de intervenção.

Na tentativa de articular psicanálise e feminismo e na pretensão de achar respostas, o que encontrei nessa caminhada foi o peso destes pensamentos nas ciências e nas vidas humanas. Espaços de contestação e de criticidade interna, feminismo e psicanálise são lugares que possibilitam que o sujeito encontre sua voz. Uma voz que não é oferecida por ideais identitários ou por terapias tutelares. O método catártico de Freud e a afirmação de Lacan, de que existimos na linguagem, valoram essa voz, esse ser que fala.

O que quer essa pessoa que fala? Qual o discurso dessa fala? E a quem este sujeito fala? Posso chegar à conclusão de que feminismo e psicanálise oferecem lugares de escuta que possibilitam a existência de uma voz. Ou concebê-los como espaços de acolhimento das reivindicações pessoais e sociais. Mas o mais importante, é a compreensão de que a fala faz sujeito. Não é necessário que exista uma conformidade entre o sujeito da psicanálise e o sujeito do feminismo. O que é necessário é a sustentação do lugar de sujeito acima de tudo.

Se o feminismo hegemônico cria indivíduos, entendidos aqui como seres dotados de razão e consciência, permeados por uma ideia de universalidade, problemática, que não dá conta dos fenômenos subjetivos. A psicanálise apresentada neste trabalho vem na contramão. Aponta uma ideia de feminismo identitário e sustenta uma saída feminista possível, mantendo uma função política ao sustentar, dialogar e implicar as questões dos sujeitos de desejo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, W. **Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1989
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 10.ed. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2016.
- CONNELL, R. **A colonialidade do gênero**. In: *Gênero em termos reais*. São Paulo: nVersos, 2016.
- COSSI, R. K. **A diferença dos sexos: Lacan e o feminismo**. Tese (Doutorado Programa De Pós-Graduação em Psicologia Clínica) Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2016.
- D'ANGELO, M. A modernidade pelo olhar de Walter Benjamin. **Estudos Avançados** 20 (56), 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v20n56/28637.pdf>> Acesso em: 5 mai. 2018.
- DUNKER, C. I. L. Discurso e narrativa na construção do saber sexual. **Educação, subjetividade & poder**. V.1, p.137-160, 2005.
- FIGUEIREDO, L. C. MINERBO, M. Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. **Jornal de psicanálise**. São Paulo, 39(70): 257-278, jun. 2006. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v39n70/v39n70a17.pdf>> Acesso em 27 nov. 2017.
- FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade** (1905). In: Freud, S. *Obras completas*. São Paulo: companhia das letras, 2016.
- KEHL, M. R. **A mínima diferença**. 1992. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2015/03/02/maria-rita-kehl-a-minima-diferenca/>> acesso em 17 de abr. 2018.
- KEHL, M. R. **Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- LACAN, J. **O seminário, Livro 1: os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1979.
- LACAN, J. **Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante**, (1971). Rio de Janeiro, Zahar: 2009.
- LO BIANCO, A. C. Sobre as bases dos processos investigativos em psicanálise. **PsicoUFS**. V. 8, n. 2. p. 115-123. Jul./dez. 2003. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoufs/v8n2/v8n2a03.pdf>> Acesso em: 27 nov. 2017.
- LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**.v.22 n.3 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2014000300013&lng=en&nrm=iso> Acesso em 26 de abr de 2018.

PEDRO, J. M. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, vol. 24, n. 1, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v24n1/a04v24n1.pdf>> Acesso em: 28 ago. 2017.

PIRES, L. P. & GURSKI, R. A construção de um “posto móvel de escuta” na socioeducação: uma metodologia psicanalítica nomeada escuta-flânerie. In **Anais do II Encontro do Grupo de Trabalho Psicanálise, Subjetividade e Cultura Contemporânea**. Modalidades de pesquisa em psicanálise: métodos e objetivos, realizado no período de 21 a 23 de junho de 2017, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, SP, São Paulo: ANPEPP, 2017.

POLI, M. C. Escrevendo a psicanálise em uma prática de pesquisa. **Estilos da clínica**, v.13, n. 25, p. 154-179, 2008. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v13n25/a10v1325.pdf>> Acesso em 17 de jan. de 2018.

PORCHAT, P. Conversando sobre psicanálise: entrevista com Judith Butler. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 161-170, jan/abr. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v18n1/v18n1a09.pdf>> Acesso em 12 fev. 2018.

PORCHAT, P. **Gênero, psicanálise e judith butler – do transexualismo a política** Tese (Doutorado Programa De Pós-Graduação em Psicologia Clínica). Instituto De Psicologia da Universidade de São Paulo, 2007.

ROSA, M. D. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. **Revista mal-estar e subjetividade**. Fortaleza, v.iv, n.2, p.329- 348, set. 2004.

ROSA, M. D.; DOMINGUES, E. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação; **psicologia & sociedade**. V. 22, n. 1, p.180-188, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v22n1/v22n1a21.pdf>> Acesso em 27 nov. 2017.

ROUDINESCO, E. & PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro, Zahar: 1998.

SOLER, C. **O que Lacan dizia das mulheres**. Rio de janeiro: Zahar, 2005.

ZIZEK, S. **Como ler Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

4.2 ARTIGO 2

**SUJEITOS QUE TRANSITAM, TRANSGRIDEM E TRANSFORMAM
AS NORMAS DE GÊNERO: UMA REFLEXÃO A PARTIR DO
DOCUMENTÁRIO “*DE GRAVATA E UNHA VERMELHA*”**

SUJEITOS QUE TRANSITAM, TRANSGRIDEM E TRANSFORMAM AS NORMAS DE GÊNERO: UMA REFLEXÃO A PARTIR DO DOCUMENTÁRIO “DE GRAVATA E UNHA VERMELHA”

Resumo: Este artigo tem como objetivo principal realizar uma reflexão sobre os sujeitos que estão fora da normatividade que produz/controla corpos, sexos e gêneros na sociedade ocidental, e mais especificamente, na sociedade brasileira. As reflexões aqui expostas apoiam-se no documentário *De Gravata e Unha Vermelha*, bem como em uma entrevista realizada com a psicanalista, roteirista e diretora, Miriam Chnaiderman. Para tal reflexão, uso da psicanálise e da teoria *queer* como fundamentação teórica. Os sujeitos aqui apresentados deslocam discursos tradicionais e desestabilizam supostas certezas. Em termos metodológicos, busco amparo na psicanálise, perambulando como *flâneur*. A narrativa do filme e o testemunho de Miriam Chnaiderman deslocam discursos normativos sobre gêneros e sexualidades. Neste perambular, encontro sujeitos que sustentam seu desejo, afirmam que o binário não os define de forma suficiente, sendo indispensável pensar a multiplicidade.

Palavras-chave: normatividade; gênero; sexualidade; desejo.

SUBJECTS WHO TRANSPOSE, TRANSGRESS AND TRANSFORM GENDER STANDARDS: A REFLECTION FROM THE DOCUMENTARY “DE GRAVATA E UNHA VERMELHA”

Abstract: This article aims to reflect on subjects that are outside the normativity that produces / controls bodies, sexes and genders in Western society, and more specifically in Brazilian society. The reflections presented here are based on the documentary *De Gravata e Unha Vermelha*, as well as an interview with the psychoanalyst, writer and director Miriam Chnaiderman. For this, I used psychoanalysis and *queer* theory as theoretical foundation. The subjects presented here displace traditional discourses and destabilize supposed certainties. In methodological terms, I seek support in psychoanalysis, wandering like *flâneur*. The narrative of the film and the testimony of Miriam Chnaiderman displace normative discourses on genders and sexualities. In this wander, I meet subjects who sustain their desire, affirm that the binary does not define them sufficiently, being indispensable to think multiplicity.

Keywords: normativity; gender; sexuality; desire.

INTRODUÇÃO

A psicanálise, apesar de ser uma área em constante renovação, ainda apresenta algumas questões, cujo o posicionamento é mais conservador. A respeito da temática de gênero, por exemplo, esta área é ainda pouco explorada por psicanalistas, alguns ainda exploram tais temática, porém fazem com um discurso voltado para o reconhecimento de identidades de gênero não normativas como patológicas. É limitante pensar as sexualidades não hegemônicas como patológicas e é urgente retirá-las dessa posição. Cada vez mais surgem novas problematizações de sexualidades e gênero. Em 2014 os usuários do *Facebook* dos Estados Unidos passaram a ter a possibilidade de marcar mais de 50 opções de identidade de gênero em

seu perfil da rede social, já aqui no Brasil, são 17 identidades possíveis, além do masculino e feminino. O aplicativo de relacionamentos *Tinder* oferece aos usuários mais de 35 opções de sexualidade para identificação. Estas transformações no mundo digital manifestam a existência de uma transformação constante das definições fixas de gênero e sexualidade no mundo real, mostrando a necessidade de transgredir a norma binária.

Dentre os psicanalistas que se atreveram a abordar os estudos *queer* e de gênero abertos à múltiplas possibilidades, pode-se citar Patrícia Porchat e Thamy Ayouch, que estabelecem conversas entre a psicanálise e os sujeitos transexuais. A importância de abordagens que entendem as sexualidades não hegemônicas de forma não patológica se dá na medida em que permite a expressão da multiplicidade de manifestação de subjetividades. O presente artigo tem como objetivo dar voz a algumas dessas vivências.

Dessa forma, começo apresentando de que forma a discussão psicanalítica, quando pensada de forma plural, pode contribuir para o questionamento da heteronormatividade, embora este não seja explicitamente um objetivo da psicanálise. Dentre tantos caminhos possíveis, utilizo como fio condutor para este texto, três falas de diferentes sujeitos do documentário *De gravata e unha vermelha*, dirigido pela psicanalista Miriam Chnaiderman.

A partir destas falas e juntamente com a entrevista realizada com a psicanalista, construo minha argumentação. A primeira fala apresentada se refere à não conformidade na linearidade estabelecida entre corpo, sexo e gênero de sujeitos que transgridem uma performatividade tradicional. A segunda, se refere às formas de agenciamento do sujeito para se fazer reconhecido, e a terceira trata da relação entre o sujeito e seu corpo.

PERCURSO METODOLÓGICO

A psicanalista Maria Cristina Poli (2008), argumenta que a invenção e a renovação do saber e da prática psicanalítica são desafios internos no campo da psicanálise. Para a autora, o ambiente universitário permite o exercício da tensão e oposição entre saberes para que o discurso da psicanálise avance (POLI, 2008). A psicanálise não tem para si um método de pesquisa unívoco. A questão principal é achar formas de singularizar a metodologia de pesquisa, pois se pesquisadores e objetos são singulares por que o método não pode ser?

De acordo com Isac Iribarry (2003) o método da pesquisa psicanalítica não traz novidades quanto ao procedimento de coleta de dados, podendo, nesse momento, ser usada a criatividade do próprio pesquisador. O processo de pesquisa se instaurou a partir da escuta e da narratividade dos discursos presentes no documentário e da conversa com a psicanalista

Miriam Chnaiderman.

O documentário *De Gravata e Unha Vermelha* traz diferentes sujeitos com suas narrativas singulares sobre seus processos de vida a partir de uma experiência de corpo, gênero e sexualidade fora da norma. A partir da escuta destas narrativas é possível localizar diferentes discursos sobre subjetividades e sexualidades. Soma-se a isso a entrevista feita com a psicanalista, roteirista e diretora do filme: Miriam Chnaiderman.

Utilizando como fio condutor deste trabalho as falas dos participantes do filme e da psicanalista a escuta que se faz está amparada em pressupostos psicanalíticos, que dizem respeito a atenção flutuante, transferência, associação livre e entendimento *a posteriori*. Isso quer dizer que, na posição de pesquisadora, além de expor o que foi falado, construirei reflexões e narrativa própria através da escrita. Isso marca a posição de quem faz a pesquisa como sujeito implicado na mesma, já que “[...]é pelo punho do pesquisador que uma contribuição conceitual vai se organizar durante o processo de pesquisa.” (IRIBARRY, 2003, p.5).

A psicanalista Rose Gurski propõe como metodologia de pesquisa a escuta-*flânerie*. É uma escuta produzida pela psicanálise e pela posição do *flâneur*, presente na poesia de Baudelaire. É justificada por não se antecipar a experiência. “Nesta perspectiva, foi fazendo sentido aquilo que Benjamin recolhe da posição do *flâneur* de Baudelaire, como o sujeito que contempla as obras de arte ou as ruas de uma cidade sem a pretensão de buscar nada” (GURSKI, P.17, 2017). Nessa forma de escuta é importante que sejam articuladas as percepções do pesquisador com a experiência de pesquisar. Ela está presente antes, durante e depois do processo de coleta de dados, sendo exposta na forma de escrita.

O material coletado é registrado nos diários de experiência, dispositivo inspirado na associação livre, em que vivências, experiências e reflexões encontram um segundo tempo de elaboração. De acordo com Gurski (2016, p.39) “estes registros se parecem com um texto fragmentado, aparentemente inacabado, muitas vezes sem uma articulação evidente entre parágrafos ou frases que se seguem”. É nos diários de experiências que enquanto pesquisadora deposito minhas inquietações e percepções da pesquisa. O operador conceitual para a análise dos diários é feito com a escuta-*flânerie*. Na qual a leitura-escuta é dirigida pela atenção flutuante para a construção de uma escrita ensaio com a temática abordada.

O ato de flunar sobre a escuta, a leitura e a escrita, fazendo associações livres, garante um compromisso ético da psicanálise de encontrar outros saberes e outros discursos. Na pesquisa em psicanálise há um compromisso com a verdade do sujeito, verdade que não pode ser reduzida a um saber sobre ele (POLI, 2008). “Ou seja, mais do que uma ciência, a psicanálise

é uma ética. Também na prática de pesquisa, ela produz o sujeito, não apenas o descobre” (POLI, 2008, p.164).

LOCALIZANDO O SUJEITO

Não é a intenção deste texto separar narrativamente psicanálise e teoria *queer*. Em contato com a metodologia proposta, de flunar pelo processo de pesquisa, busco expor discursos e localizar reflexões que estes causaram. Meu objetivo aqui é promover encontros entre a psicanálise e a teoria *queer* através dos discursos apresentados. Parto da ideia de que assim como o sujeito é indeterminado, não podendo ser reduzido a identidades fixas, as teorias são processos em constante construção na cultura, na história e na sociedade.

Regina Neri (2005) afirma que o discurso psicanalítico surge em um cenário de crise de identidade do sujeito da razão. E “surge também em um solo de questionamento sobre a identidade sexual, sendo seu discurso tributário desse contexto de crise do masculino e de emergência do feminino” (NERI, 2005, p.66). Porém, a psicanalista atesta que, sendo o homem o sujeito soberano do discurso neste contexto, o objeto do discurso passa a ser a mulher, afirmando assim uma dualidade no discurso psicanalítico. Por um lado, dar voz ao feminino, que aponta para a alteridade e a diferença, e por outro lado, restaurar na cultura o masculino como universal (NERI, 2005). Isso demonstra limitações discursivas do contexto de surgimento da teoria. Ainda que seja um homem de seu tempo, Freud procurou, durante o desenvolvimento de sua obra, subverter concepções já naturalizadas sobre a sexualidade e as manifestações de gênero do sujeito.

A sexualidade para Freud é algo singular, isso quer dizer que ela diz respeito a relação singular do sujeito com o seu desejo. No texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)* ele desenvolve uma forma de conceber as sexualidades na contramão de um pensamento psiquiátrico e higienista da época. Antes de Freud a sexualidade era vista unicamente como meio para a reprodução. Eram corriqueiros os discursos de sexólogos sobre aberrações e degenerescências sexuais, chegando ao ponto de serem criados manuais que descreviam o que era normal ou anormal em relação a sexualidade.

Freud busca marcar uma diferença com o discurso biomédico. Ele desfaz a relação do sujeito com o instinto. Afirma que no momento em que estamos inseridos na cultura e em uma relação com um outro, não somos mais seres instintivos, sendo assim, sentimos prazer e escolhemos com quem desejamos manter relações sexuais. A sexualidade humana é regida pelo pulsional. A pulsão sexual é desviante, é polimorfa (AYOUCH, 2015), pois ela busca o prazer

e escolhe o objeto com o qual quer obter tal satisfação.

Com o conceito de pulsão, Freud consegue estabelecer a existência de uma sexualidade infantil. Essa sexualidade tem relação com o prazer que a criança obtém em seu próprio corpo, no hábito de chupar o dedo, por exemplo. São as zonas erógenas, partes do corpo em que certos estímulos causam sensações prazerosas. Para Freud, qualquer parte do corpo pode ser excitável e, portanto, considerada uma zona erógena. Essas partes do corpo são muito variáveis, o que coloca todo sujeito quando nasce na posição de perverso-polimorfo, aquele que sente a satisfação de diferentes formas. No momento que Freud desenvolve essa teorização, todas as práticas sexuais que não tinham como objetivo final a reprodução, eram consideradas perversas, por isso a nomeação de perverso-polimorfo.

Ainda que tais argumentações sejam revolucionárias para época, Freud se mantém distante de uma discussão sobre o lugar social da mulher nessa questão. Ele aponta três concepções diferentes para a noção de masculino e feminino. Masculino e feminino são entendidos pelos seus atributos biológicos, pela noção de atividade e passividade, o que repercute negativamente no feminismo da época, e através dos conceitos sociológicos. Ele usa a concepção de atividade e passividade para falar sobre o masculino e o feminino porque considera que as outras são muito relativizadas. Em 1933 ele abandona essa noção ao dizer que há uma insuficiência nesta proposição. Ele percebe que no mundo animal existem fêmeas que são ativas, então passa a falar de uma atividade passivamente construída, ou seja, mulher enquanto ser que “escolhe” se fazer passiva. Ele diz que “o que constitui a masculinidade ou feminilidade é uma característica desconhecida, que a anatomia não pode aprender” (FREUD, 1933, p.266).

Em *A dissolução do complexo de Édipo* (1924) Freud já fazia questionamentos sobre as diferenças do complexo de Édipo na menina e no menino. Ele deixa claro que a compreensão que tem sobre essa questão é incompleta, insatisfatória e vazia. No texto *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos* (1925) ele afirma “que todos os indivíduos, graças à disposição bissexual e a herança genética cruzada, reúnem em si caracteres masculinos e femininos, de modo que a masculinidade e a feminilidade puras permanecem construções teóricas de conteúdo incerto” (p.298). Essa bissexualidade constitutiva marca a impossibilidade de pensar o sexo biológico como determinante de todas as possibilidades para o exercício da sexualidade (RIBEIRO, 2012).

Patrícia Porchat (2007) afirma que a intenção de Freud de explicar o desenvolvimento da feminilidade e da masculinidade em homens e mulheres já era uma forma de se ocupar do gênero, mesmo que este termo ainda não tivesse sido criado teoricamente. É apenas no ensino

de Jacques Lacan que o termo feminino e masculino passa a surgir. De acordo com Antonio Quinet, a diferença sexual para Lacan não tem relação com a diferença anatômica, mas sim com a lógica fálica, na qual qualquer sujeito, homem ou mulher, entendido biológica ou geneticamente, escolhe ou não se colocar na função fálica (QUINET, 2017).

Durante a conversa que tive com Miriam Chnaidermam, foi-me indicado um livro intitulado: *Mulheres-Homens: ensaios psicanalíticos sobre a diferença sexual* da psicanalista Marie-Claire Boons, de 1992. Esta psicanalista francesa se propôs a pensar a diferença sexual na psicanálise. Logo no início do livro ela expõe que na teoria analítica não há nada acabado com relação aos homens e as mulheres, porém a psicanálise buscou muito entender como uma mulher se torna uma mulher e como um homem se torna um homem.

Mas de certa forma o que Lacan – e Freud antes dele – procura pensar é o fato de que existem dois sexos, e o fato de existirem dois sexos é mais forte que o fato de que haja empiricamente homens e mulheres. Cada um de nós participa de ambos os sexos, mas há dois sexos (BOONS, 1992, p.29)

A partir disso, podemos concluir que não há uma negação da diferença sexual anatômica, mas o entendimento que dois sexos não derivam em dois gêneros, entendidos aqui como homem e mulher. Essa é uma das críticas mais pertinentes a ser feita à psicanálise pelos estudos *queer*: o binarismo. A teoria *queer* é uma teoria de contestação. Ela faz críticas às teorias consideradas clássicas e tensiona os cânones que por vezes parecem ser intocáveis na construção do conhecimento. Traz um novo pensamento sobre a sexualidade, o gênero e os sujeitos (MISKOLCI 2009; 2014). A discussão *queer* é capaz de nos jogar na realidade do sujeito, ou melhor, na realidade dos não sujeitos, daqueles excluídos de uma possibilidade de existência por não estarem em conformidade com a norma e a normatização, aqueles que são abjetos. No texto *Regulações de gênero*, Judith Butler (2014) afirma que

Gênero não é exatamente o que alguém “é” nem é precisamente o que alguém “tem”. Gênero é o aparato pelo qual a produção e a normalização do masculino e do feminino se manifestam junto com as formas intersticiais, hormonais, cromossômicas, físicas e performativas que o gênero assume. Supor que gênero sempre e exclusivamente significa as matrizes “masculino” e “feminina” é perder de vista o ponto crítico de que essa produção coerente e binária é contingente, que ela teve um custo, e que as permutações de gênero que não se encaixam nesse binarismo são tanto parte do gênero quanto seu exemplo mais normativo. Assimilar a definição de gênero à sua expressão normativa é reconsolidar inadvertidamente o poder da norma em delimitar a definição de gênero. Gênero é o mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas, mas gênero pode muito bem ser o aparato através do qual esses termos podem ser desconstruídos e desnaturalizados (p.253).

A filósofa norte-americana está expondo a problemática de reduzir o gênero à sexualidade, mostrando que as concepções binárias só são possíveis dentro de um quadro heteronormativo de regulação (BUTLER, 2014). Freud mostra a dificuldade de definir o gênero dentro da psicanálise quando expõe a complexa relação existente entre o que é natural e o que é cultural, como também as distinções entre o biológico e o social (PORCHAT, 2007), apontando as complexidades dessa teoria sobre o sujeito. Se o corpo é pulsional, - construído a partir da história do sujeito -, e específico, - com diferentes formas de sentir prazer pautadas na erotização inicial, então é impossível pensar o natural e o biológico como determinantes das práticas sexuais e de gênero desse corpo. Quando questionei Miriam Chnaiderman sobre a relação entre gênero e psicanálise, e como ela incorpora isso nas suas práticas, ela assinalou que

É muito frequente entre os analistas dizerem que a questão do gênero não é uma questão da psicanálise. Eu acho que é! Né. Eu tenho então, fui entrando nesse universo... Meus documentários um pouco têm muito essa função. Eu tenho uma questão e aí vou pro mundo e vejo o que é que acontece né, como é que é isso no mundo e vou sendo interrogada pelo mundo! Então até hoje, ainda hoje, depois de ter feito o de gravata eu tenho tentado pensar uma metapsicologia pra isso tudo. Pra questão do gênero e acho sim que a psicanálise tem sim que se repensar e absorver a questão do gênero e se debruçar sobre Judith Butler e todo mundo que tem trabalhado essa questão. Eu acho que dizer que o gênero não é uma questão da psicanálise é dár de avestruz, é por a cabeça na areia e não se enfrentar uma questão que tá aí. (Miriam Chnaiderman, 14 de setembro de 2017).

Em *Tópicos e desafios para uma psicanálise queer*, Patrícia Porchat (2013) aproxima a psicanálise e a teoria *queer*, ao referenciar que esta última pode se expressar nas lacunas, lapsos, excessos e dissonâncias, funcionando como uma matriz aberta para que se discuta gênero e sexualidade. As lacunas, lapsos, excessos e dissonâncias são também formas de manifestação do inconsciente, portanto do sujeito. As leituras sobre o sujeito, o corpo e o gênero que Judith Butler faz, são frequentemente marcadas por questionamentos, o que aumenta a dificuldade em ler a obra da autora, mas traz a luz as perguntas que precisam ser feitas sobre a construção de conhecimento e o poder envolvido nesse processo. Entendida como uma das principais autoras dos Estudos *Queer*, ela entende que o corpo é apresentado como meio ou instrumento pelo qual um conjunto de significados culturais é relacionado.

Os limites da análise discursiva do gênero pressupõem e definem por antecipação as possibilidades das configurações imagináveis do gênero na cultura. Isso não quer

dizer que toda e qualquer possibilidade de gênero seja facultada, mas que as fronteiras analíticas sugerem os limites de uma experiência discursivamente condicionada (BUTLER, 2016, p.30).

Essa passagem marca como o pensamento sobre a constituição do sujeito ocorre na discursividade, de como concebemos, elaboramos e formamos algo a partir da linguagem, no nosso discurso. Se o discurso é o meio pelo qual o sujeito se faz, como sujeitos que estão fora de um discurso hegemônico, que é heteronormativo, heterocentrado e binário se fazem sujeito? Partindo do entendimento de que a psicanálise e a teoria *queer* possibilitam conhecer o sujeito para além de determinações biológicas é que construímos uma escuta tensionada por tais formas de pensamento. Dando inteligibilidade às experiências fora de uma normatividade sexual e de gênero, preocupadas com as normas que compõem a sociedade de um modo geral e, transformando em sujeito o que é abjeto, construímos os caminhos dessa pesquisa e apresentamos as reflexões que ficaram, as interrogações que encontramos no documentário de Miriam Chnaiderman, alguns discursos que denunciam uma imposição identitária e mostram caminhos possíveis de construção de si.

Eu vim confundir e não explicar: transição, circulação e transgressão de gênero no documentário De Gravata E Unha Vermelha

[...] eu tinha um projeto mesmo de explodir o binarismo de gênero, de criar uma vertigem, de bagunçar mesmo (Miriam Chnaiderman, 14 de setembro de 2017).

De Gravata e Unha Vermelha é um documentário com 86 minutos de duração que apresenta discursos influenciados pela desconstrução de identidades e pela formação singular de subjetividades. Os discursos apresentados não estão a serviço de uma explicação sobre sexo, gênero ou identidade, muito pelo contrário. A partir da fala de sujeitos com experiências singulares, mas, fora da norma de gênero e sexualidade, o filme demonstra que não existem histórias iguais. São homens e mulheres, sejam estes cis gêneros ou transgêneros, que antes de tudo são sujeitos. Sobre o documentário, Miriam Chnaiderman achou importante ressaltar que:

Ele não é um documentário sobre o que se chamam hoje em dia as novas sexualidades. Eu acho que ele é, busca ser um filme pra pensar o que é a sexualidade em geral e que essas figuras todas apenas escancaram o que é de todos nós e isso pra mim é bem importante né, porque existem Laertes, Letícias, Johnny Luxo, Ney Matogrosso, cada um deles tá dentro da gente né,

porque assim, a questão pra mim não são esses que se expressam, expressam seu desejo dessa maneira, eles apenas têm a coragem de escancarar o que a gente não tem coragem de escancarar, mas que tá em todos nós (Miriam Chnaiderman, 14 de setembro de 2017).

Além de Letícia Lanz, Johnny Luxo e Ney Matogrosso, também está presente no filme, João W Neri, escritor e conhecido como o primeiro homem transexual operado no Brasil, o estilista Dudu Bertholini, que acompanha Miriam durante as entrevistas e que diz ser o que as pessoas gostam de chamar de *gender fucker*, a atriz e cantora Rogéria, que está no filme para desvendar os mistérios que rondam Astolfo Barroso Pinto, nome que recebeu ao nascer, Bayard Tonelli, dançarino do grupo Dzi Croquetes, o ator transexual Léo Moreira Sá, a cantora Candy Mel da banda Uó, o estilista Walério Araújo, e sujeitos não tão conhecidos publicamente. Como é o caso de Taís Souza, que conta ter saído da sua cidade para ir atrás do tal sonho de se tornar mulher, Bianca Soares, professora de inglês e *mulher made in china*, como a própria se adjectiva no filme, o chapeleiro Eduardo Laurino, a transexual Samantha Aguiar dentre outros.

Já ao final do filme, João W Neri diz:

O que eu quero é exatamente ser um pirotécnico, como diz Foucault, destruir muros. Eu sou um cara pra romper barreiras. Eu vim como diz o Chacrinha, muito mais pra confundir do que pra explicar.

E é isso que ele, junto de tantos outros sujeitos, faz. A presença de percepções distintas sobre o masculino e o feminino apontam as contradições existentes entre os corpos e os desejos. Miriam Chnaiderman é uma psicanalista que ousa mostrar, em seus documentários, realidades que movimentam nossa forma de enxergar os sujeitos. Christian Dunker e Ana Rodrigues (2015) entendem que o cinema é um criador de problemas formais sobre a subjetividade, tal como uma linguagem, narrativa e discurso sobre as formas de sofrimento. A abordagem dos autores sobre cinema e psicanálise colocam a segunda como um campo de experiência ética de transformação, o que manifesta uma existência psicanalítica para além de uma teoria sobre o psiquismo humano e um método clínico de tratamento.

É essa experiência ética de transformação que identificamos na figura de Miriam Chnaiderman, na produção do seu documentário e na escuta durante nossa conversa. Consideramos que ela traz o discurso da psicanálise para o laço social. Ela nos transpassa a percepção de ter uma postura ético-política para com os sujeitos que narram suas histórias no filme, bem como para a psicanálise.

O documentário vai acontecendo, as figuras vão surgindo, enfim, fui muito, em todos os meus documentários eu sinto isso, que eu sou transformada sempre como analista e repenso, e é muito bonito. Pra mim é encantador, me fascina ver como, ãn, o como o mundo acontece e como a psicanálise tem que ser transformada pelo que acontece no mundo né (Miriam Chnaiderman, 14 de setembro de 2017).

A transformação da psicanálise, pelo que acontece no mundo, nada mais é do que um olhar histórico, localizado e contingente sobre as novas realidades dos sujeitos. Marie Claire Boons (1992) questiona se poderia a escuta de um analista ser totalmente feita a partir de um saber que foi edificado por Freud, e já responde que não, dado que “O que se diz na doutrina psicanalítica sobre a diferença sexual será sempre ex-cedido, ultra-passado pelo que acontece na experiência” (BOONS, 1992, p.117).

Tal reflexão me traz na lembrança a primeira vez que ouvi falar sobre o documentário *De gravata e unha vermelha*. Eu estava em um grupo de estudo sobre psicanálise e questões de gênero. A discussão pairava sobre o livro *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade* da filósofa Judith Butler. Era um grupo de aproximadamente sete pessoas, fazíamos encontros quinzenais em um consultório de psicanálise que tinha ao seu nome a adição: clínica e cultura psicanalítica.

As discussões sobre o livro eram marcadas por dúvidas e questionamentos constantes. Tentávamos entender a interpretação do gênero feita pela autora. Ainda limitados, não conseguíamos pensar as questões apresentadas fora de uma composição binária. Então usávamos de artifícios de troca de outras leituras, experiências profissionais e atravessamentos culturais. Uma das participantes do grupo falou do filme. Hoje não consigo me recordar como ela descreveu, mas lembro que fiquei maravilhada pelo nome que o filme leva, primeiro o título e depois de assistir, os sujeitos.

Entendi o filme como um mergulho na trajetória de sujeitos que são, de alguma forma, atravessados pela diferença sexual. Todos somos atravessados por essa diferença, eis aí a beleza do filme. Os sujeitos narram a si mesmos nesse documentário. As narrativas passam pela concepção que cada um tem de si, a relação com a família, com o sexo e a transformação do corpo e do prazer sexual. Escutam-se histórias sobre o ato de se montar e se vestir a partir de marcações de gênero, da modelação desse processo ao encontro da feminilidade ou da masculinidade.

Foram tantas falas e tantos sujeitos que encarei com alguma dificuldade a tarefa de expor os discursos. Assisti o documentário em momentos diferentes do processo de construção da

pesquisa de mestrado que fez surgir esse texto. A primeira vez que assisti foi antes de entrevistar Miriam Chnaiderman, tentei anotar as falas, marcar as pessoas, pensar no que eu gostaria de desenvolver enquanto texto. Percebi que não adiantaria transcrever todo o filme para isso, porque a escrita vai acontecendo junto das leituras e dos encontros com autores.

Da segunda vez que assisti, meses depois da conversa com a psicanalista, consegui perceber uma construção circular do documentário, um ir e voltar em sujeitos e histórias que contradizia falas e mostrava que entre três pessoas vestidas com roupas ditas de mulher, femininas, e uso aqui os marcadores hegemônicos disso: saias, vestidos, acessórios e maquiagem, podem haver considerações diferentes de identidade. Como homem masculino e cis gênero, como é o caso do dançarino Bayard Tonelli, ou afirmar que não é mulher como faz Rogéria, quando Miriam pergunta porque ela não trocou seu nome, ou ainda dizer que é mulher, se sente mulher e chega a menstruar psicologicamente como faz Candy Mel. O filme vai mostrando, sutilmente, como as construções de ser homem, mulher, masculino ou feminino, passam por construções discursivas e performáticas muito singulares. Questiono então se teria como definirmos o que é um homem ou o que é uma mulher?

Thamy Ayouch (2017), afirma que nos estudos de gênero, estudos *queer* e na psicanálise a identidade sexual e sexuada nunca é definitiva, mas sim construída através de relações do sujeito com o outro. Ou seja, não existe uma única identidade, mas processos de identificação. De acordo com o psicanalista “o sujeito se forma e se transforma sendo identificado pelos outros: apropriando-se, em momentos da sua evolução, de elementos, atributos, rasgos distintivos dos seres do seu entorno” (AYOUCHE, 2017, p.29).

Finalmente passo a palavra para sujeitos de corpos diversos que ocupam o lugar de fala no documentário *De Gravata e Unha Vermelha*. O mais extraordinário nesse trabalho é a escuta e o espaço de possibilitar uma voz a discursos que nem sempre são ouvidos. Na intenção de dar a devida importância a estes discursos a escrita que segue, sempre implicada por quem escreve, toma como fio condutor as falas destes sujeitos.

O mundo veio me dizer que eu não era o que eu era! Como se constituir sujeito quando o mundo grita: abjeto

O documentário inicia com a apresentação de uma charge da cartunista Laerte. A personagem da vez é um super-herói. Musculoso, vestindo uma túnica roxa e luvas, capa e máscara amarelas, seu nome é Overman. De acordo com o site da cartunista:

Não um simples herói, um super-herói, ou ainda mais O super-herói que fascina a todos com sua presença e atuação. Tão heroico que até hoje não conhece a própria identidade na vida real, continua as voltas na eterna luta do bem contra o mal (com as devidas pausas na sexta-feira).

No desenho, Overman está no banheiro da sua casa, de frente para o espelho. Ele olha para sua imagem e diz: *eu adoraria saber quem sou na vida real....* Ainda observando a si no espelho, com as mãos preparadas para retirar a máscara ele fala: *... Mas toda vez que tento tirar essa máscara... A campainha toca!* Trago essa imagem inicial porque acredito que ela foi muito bem posicionada no filme. É o primeiro passo de todo questionamento do documentário. Quem eu sou? Quem os outros veem? Ao que parece, Overman está sempre de máscara, dentro e fora de casa, e, quando tenta se libertar dela há uma interrupção externa. Podemos fazer disso uma metáfora, pensar essa interrupção como as urgências da sociedade. A institucionalização de discursos, a falta de alteridade e de permissão da diferença.

Ney Matogrosso conta que, quando fazia parte do grupo *Secos e Molhados*, pintava seu rosto como uma forma de se proteger para que pudesse sair na rua e não ser reconhecido. Isso aconteceu em um contexto de extrema agressividade da ditadura militar. Em suas palavras:

No momento que eu perdi o rosto eu adquiri uma liberdade e uma coragem física que eu jamais supus que houvesse dentro de mim.

Durante o documentário, Ney conta que mesmo gostando de ser homem, não queria que isso lhe restringisse. As pinturas da face e suas vestimentas quando se apresentava eram formas de contestação. Ele não queria ser uma mulher, mas sim uma figura jamais antes vista. Quanto mais percebia que as pessoas ficavam chocadas com o que ele apresentava, mais desejo tinha de continuar subvertendo essa sua forma de se apresentar. O que Ney Matogrosso fez, causando desconforto nas pessoas, e gerando uma repulsa, distância e um não reconhecimento, pode ser entendido como características da abjeção. O Abjeto é o que está fora da norma e da normatividade (MISKOLCI, 2014).

Para Butler (2002, p.20) “La formación de un sujeto exige una identificación con el fantasma normativo del "sexo" y esta identificación se dá através de un repudio que produce un campo de abyección, un repudio sin el cual el sujeto no puede emerger”. É a noção de que a subjetividade de certos sujeitos se forma a partir de discursos de exclusão que irão dizer o que pode ou não existir.

O documentário traz muitos exemplos disso, um deles é na figura e na história do modelo Johnny Luxo. Ele mistura muitos elementos masculinos e femininos na sua forma de

vestir, chegando à extravagância. Reconhece que tem muitos traços femininos, o que lhe causou problemas enquanto crescia. No documentário, ele conta sobre situações escolares, nas quais chegou a ser cuspidor por um menino que ele nem conhecia, mas que o chamava de *bixa*. Conta ainda que quando começou a sair em festas se destacava muito das outras figuras da noite porque era um menino magro, com cara de criança que usava roupas esquisitas. Diz que muitas pessoas lhe falavam:

Olha, não dou dois tempos pra você virar travesti. E isso era uma coisa que eu sempre ouvi e ouvia e eu achava engraçado quando as pessoas falavam aquilo porque eu pensava: gente, será? Minha vontade não era essa, minha vontade era ser desse jeito que eu sou.

O músico Léo Moreira Sá conta no documentário que quando criança sua mãe lhe vestiu com uniforme feminino para ir para a escola pela primeira vez, após vestido ele disse a ela que não queria usar roupas de menina. Dito isso, sua mãe lhe respondeu: *mas você é uma menina*. Léo conta que por morar em uma periferia e viver entre pessoas que lhe aceitavam nunca havia sentido o preconceito até ir para escola. Foi no sistema educacional que o mundo veio dizer que ele não era o que ele acreditava ser.

João W. Neri, considerado o primeiro trans homem operado do Brasil, descreve que teve uma infância complicada, sofreu homofobia, ou transfobia. Expõe que não brincava com outras crianças porque essas lhe proferiam xingamentos, resguardando-se assim ao espaço da casa, brincando sozinho para se proteger. Richard Miskolci (2016), argumenta que as pessoas aprendem sobre a sexualidade ouvindo injúrias. De acordo com o autor “Na vida social, mas sobretudo na escola, aprendemos as formas coletivamente esperadas de ser por meio de perseguição às maneiras de agir e ser rejeitadas socialmente” (MISKOLCI, 2016, p.34). Isso faz com que os sujeitos se obriguem a adotar comportamentos heteronormativos.

Para contribuir com essa linha de raciocínio trago a história da cartunista Laerte, que conta que se construiu como masculino por muito tempo, mesmo sabendo que já existia dentro de si o desejo homossexual e a vontade de transpassar corporalmente a feminilidade. Ela expõe que demorou muito tempo para se aceitar enquanto mulher e, mais ainda, para se adequar corporalmente a isso. A adequação corporal de que fala começou com a retirada da “roupa de pelos”, o uso de vestimentas femininas e a decisão de quem sabe colocar implantes de mamas para ter seios. Laerte diz:

Eu posso destruir essas minhas argumentações né. Eu posso fazer o delegado

bom e o delegado ruim de diversas formas. Eu posso dizer por exemplo que eu to só em busca de atender um modelo. É um modelo de feminilidade que implica em terceiros. Então você tá querendo parecer mulher porque você não consegue se libertar deste modelo. Como todo modelo por definição não corresponde a uma pessoa real. Então porque que você quer ter peito?

Essa interrogação feita por Laerte possibilita pensar os caminhos identitários ou desejantes que cada sujeito faz para se reconhecer. De acordo com Sarah Salih, o desejo, o reconhecimento e a alteridade são temas muito presentes na obra de Judith Butler (SALIH, 2012). São temas que envolvem o sujeito em relação com seu mundo interno - seus desejos, externo - o reconhecimento enquanto ser humano, e a alteridade - as relações com o outro. O sujeito é entendido então como ser em processo, construído no discurso através dos atos que executa (SALIH, 2012). Para Miriam Chnaiderman, as falas de Laerte fisgaram sua atenção.

Eu me encantei pelas entrevistas dela e achei algo absolutamente libertário de não submissão ao binarismo do gênero (Miriam Chnaiderman, 14 de setembro de 2017).

A não submissão ao binarismo que Laerte faz é uma forma de contestação a uma norma que diz como corpos devem se apresentar e se portar de acordo com o sexo biológico que possuem. Laerte segue no documentário com outros discursos que se incorporam a esta lógica não binária. Diz que não gosta de afirmar que é hétero, homo ou bissexual, mas se vê como uma pessoa que tem desejos. Afirma que o que realmente almeja é transgredir o gênero.

Judith Butler (2016) aponta que o gênero é um ato performativo, não existindo ontologicamente, e que precisa ser concebido como uma temporalidade social constituída. Para a autora, “O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos que constituem a ilusão de um eu permanente marcado pelo gênero.” (BUTLER, 2016, p.242). Talvez transgredir o gênero para Laerte seja não marcar em si uma identidade que é formada pelo gênero.

O chapeleiro Eduardo Laurino é um homem, gosta de ser homem, mas também gosta de usar saia. No documentário há um momento em que ele sai na rua, pela manhã, vestindo uma saia. A cena foca no olhar de estranhamento das pessoas, alguns risos e comentários, até que um homem se aproxima dele e diz: *a essa hora da madrugada?* Então Eduardo responde que está reproduzindo o que Flávio de Carvalho fez, arquiteto que saiu as ruas defendendo o uso de saia por homens. O senhor que interrogou Eduardo anteriormente lhe dá os parabéns e se

despede com um aperto de mão, lhe desejando um bom carnaval. Eduardo narra que sua mãe lhe questionou o porquê do uso dessa saia e ele lhe respondeu com outra pergunta: porque o uso de calça por mulheres então? O importante para o chapeleiro, e o que ele deseja é:

[..]que quando as pessoas olhem pra mim que elas primeiro olhem como ser humano, depois como um homem e depois como viado!

O documentário é essa constante apresentação de pessoas que querem para si o reconhecimento enquanto sujeito. A teoria *queer* aparece para abranger, deslocar e subverter certezas e lógicas de conformidade e continuidade entre sexo, gênero, práticas sexuais e desejo. É essa coerência que faz com que o ser humano seja reconhecido enquanto sujeito. Butler (2016) atesta que existem gêneros que são mais inteligíveis que outros e são os aparatos políticos e legais que irão dizer e pressupor essa inteligibilidade.

A professora de inglês, Bianca Soares, conta que seus alunos do sexto ano, por vezes, questionam se ela é mulher ou homem. Alguns a chamam de professor, outros corrigem os colegas e dizem que ela é professora. É aí que ela traz a frase que para mim é muito significativa na impossibilidade de pensar o gênero de forma binária:

Eu nunca vou ser uma mulher, mas lógico, obvio que eu nunca vou ser um homem.

Patrícia Porchat (2013) assinala que a psicanálise tem a potência de levar o sujeito a “se separar das demandas do discurso dominante e a descobrir aquilo que vale exclusivamente para si, que não pode ser coletivo, que não tem valor para mais ninguém, que causa seu desejo e que o move” (p.81). Ao reconhecer o desejo do sujeito transpassam-se noções centradas na política da identidade. O que possibilita pensar a singularidade de cada um. Sobre as políticas identitárias, que fixam formas de ser sujeito dentro de regulações e normatividades que a fala de Miriam Chnaiderman se posicionou em nossa conversa:

Então eu acho que toda a questão é como romper, ãn, com uma lógica identitária né. Onde ou se é uma coisa ou se é outra, essa coisa de ter os escaninhos onde você, é, essa coisa que é muito comum em todos os movimentos, no movimento LGBT, enfim essa coisa das tribos, o preconceito, o, é terrível! Porque toda a questão é a gente poder ser muitos né. E a gente é muitos quer a gente queira quer não. (Miriam Chnaiderman, 14 de setembro de 2017).

Existem mil sexos dentro desse corpo que o Estado diz que é dono! (Des)construindo e (re)inventando o corpo

É importante a distinção da existência de um corpo enquanto matéria biológica, genética e de sobrevivência, e de um corpo enquanto ser vivo, ou como diz Judith Butler, (2016, p.27) “em distinguir adequadamente entre formas de viver e de morrer”.

No entanto, teríamos perdido de vista, nesse preciso instante, as relações nas quais o corpo existe, as relações sem as quais nenhum corpo pode existir? E se o corpo for um campo de relações, sempre dependentes e interdependentes? E se o corpo estiver envelhecendo, vivendo, apaixonando-se, adoecendo, morrendo e morto? Como compreendemos essa dimensão corporal da vida corporificada se nos mantemos restringidos pela perspectiva positivista do corpo enquanto “fato material”? (BUTLER, 2016, p.27).

A proposição de Butler, além de constatar que um corpo sozinho não existe e que por isso necessita que o reconhecimento e as lutas políticas sejam coletivos, é também desgarrar o corpo vida, corpo relação, corpo subjetivo de um corpo biologicamente homem ou biologicamente mulher. A ideia de corpo como fato material está baseada em discursos essencialistas, médicos e biólogos, nos quais existem apenas duas formas de ser um corpo, masculino ou feminino, definidas a partir da diferença da genitália.

Michel Foucault, no primeiro volume do livro *História da sexualidade: a vontade de saber*, não busca criar uma teoria da sexualidade, mas sim desenvolver uma reflexão sobre a análise do poder. Para Foucault (2007), a vontade de saber sobre o sexo produziu criações discursivas sobre o mesmo. O autor expõe que a história da sexualidade é antes de mais nada a história dos discursos. De acordo com Foucault (2007) foi a partir da confissão cristã que se iniciou a falar sobre a verdade do sexo e, posteriormente esses discursos passam a serem feitos via biologia, medicina e psiquiatria, que determinam verdades e detém o poder sobre o sexo. Como produto de práticas discursivas o sexo é pensado por Foucault como um efeito, uma unidade artificial, passando a funcionar como forma de controle.

No documentário, Taís Souza, de uma forma muito expressiva narra que:

Enquanto eu penso que eu sou dona do meu corpo eu não sou, o Estado que é dono do meu corpo. Ele que vai decidir por mim. E quando eu decido que tenho que aplicar silicone, botar prótese e cortar o meu pênis o Estado diz que eu não faço parte dessa sociedade que eu tenho que estar. E a sociedade que está no meio vai me repudiar por que? Por que eu sou uma aberração? Eu tô indo contra os princípios religiosos. Eu sou algo que não era pra existir.

Thamy Ayouch (2016), expõe que “O “transexualismo” (ou seja, o que for a designação da moda: “transtorno de identidade de gênero” ou “disforia de gênero”), procede de um diagnóstico e o seu reconhecimento é acompanhado de uma patologização” (p.3). Fincada em protocolos diagnósticos médicos e psicológicos o sujeito não tem total autonomia sobre seu corpo.

No dia 18 de junho de 2018 a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou a transexualidade da lista de doenças mentais. Os ativismos LGBTQ+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, sendo o *plus* uma forma de captar outras identidades de gênero e sexualidades que a sigla não abarca, como é o caso de sujeitos não binários, andrógenos, intersexos, assexuados, pansexuais, dentre outros) travam uma batalha há muito tempo para retirar a transexualidade da definição de doença mental e colocá-la junto aos comportamentos sexuais. Assim, caso desejar, a pessoa pode obter ajuda médica, garantindo direitos sociais de saúde pública até mesmo para cirurgias de modificação corporal.

João W. Neri não fez a cirurgia para ter um pênis. Na concepção dele:

Eu não acho que é o pênis que faz um homem, assim como não é a vagina que faz a mulher, como não é um corpo que define uma identidade, um gênero.

Letícia Lanz, conta no filme que se descobriu Letícia aos 4 anos de idade e demorou 50 anos para assumir essa identidade. Nessa trajetória ela se casou, teve três filhos, netos que lhe chamam de vô, e continua casada com sua esposa, de quando ainda era Geraldo Eustáquio de Souza. Diz que se sente muito bem com seu órgão genital, que sente prazer com ele e não pretende removê-lo, mas reconhece como é importante para ela os seus seios. Ela afirma:

Eu sou uma mulher de pênis.

Letícia, na sua dissertação de mestrado em Sociologia, *O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero*, atesta que existe uma complicação paradoxal quanto aos esforços feitos por pessoas transgêneros para se enquadrarem a norma binária que tanto as fazem sofrer durante seu vir a ser sujeito. Ela questiona “até que ponto a transição de um gênero para outro pode ser considerada transgressão do dispositivo binário de gêneros ou constitui apenas “uma outra forma” de confirmação e ratificação dessa mesma norma? ” (LANZ, 2014, p.30). No documentário, Letícia também expõe essa questão:

Vamos voltar um pouquinho pra trás e imaginar o papel dessa cirurgia, é um papel de enquadramento. Você tem que imaginar que a fonte disso é o modelo de classificação que é baseado no que tem no meio das pernas. Eu digo, daqui há 200 anos eles vão achar nós uns primitivos né, classificar as pessoas em função disso. Não podia ser outra coisa? O tamanho do nariz, da orelha, ou aptidões físicas?

A classificação pelo que se tem no meio das pernas causa uma generificação que define formas de ser sujeitos a partir dela. O enquadramento do corpo pode ser sentido como uma forma limitadora. Um retorno ao essencialista ou ao biológico, mas como afirmado pelos discursos expostos, cada sujeito concebe seu corpo a partir dos marcadores que fazem sentido para sua existência. Sobre formas de enquadramento, a fala de João Neri também se encaixa:

Eu posso botar batom. Nada me impede de sair na rua de batom, mas aí eu vou começar a sofrer a transfobia: que isso um cara de batom? Vão me chamar de viado. Que aliás eu não me incomodo nenhum porque é a antítese total me chamarem de viado. Mas é, eu tô cansado de ser olhado, tudo que eu acho, pelo menos eu sinto, que nos trans homens e acho que em muitas trans mulheres também, é sair da transfobia. É se tornar um pouco anônimo. A grande maioria dos trans querem mesmo é entrar no binarismo, querem mesmo é se tornar homens e ficarem invisíveis.

Para Butler (2016), é o poder, logo, o discurso, o que opera na produção de uma estrutura binária, sendo a linguagem o que produz a construção fictícia de sexo que sustenta os regimes atuais. Nesse processo, o corpo não é determinante, mas determinado; é o meio sobre o qual se inscrevem os valores e significados culturais. Assim, tal como na psicanálise, para a Teoria *Queer* o corpo necessita de interpretação, não sendo um fim em si mesmo. O que significa que: o que se diz de um corpo não apenas descreve, mas *constitui* esse corpo.

A psicanalista Patrícia Porchat em sua tese de doutorado *Gênero, Psicanálise e Judith Butler – do transexualismo a política* afirma

Foucault destaca a natureza mutuamente constitutiva dos discursos ocidentais da sexualidade e da biologia. A compreensão de que o sexo quanto categoria unitária é algo estabelecido através das práticas discursivas ocidentais implica que não se pode afirmar que o conceito ocidental de sexo seja subjacente as construções de gênero em todo o mundo (PORCHAT, 2007, p.23).

A discussão feita por Foucault é fundamental no desenvolvimento da teoria *queer* e na discussão de Butler sobre gênero. Para ela, assim como o sexo, o gênero é construído como uma unidade, substância em si mesma que tende a ser enquadrada dentro de uma matriz de

inteligibilidade (PORCHAT, 2007). Butler (2016) busca desfazer a relação entre sexo e gênero como dependentes e constituídos em continuidade. “Se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela maneira” (BUTLER, 2016, p.26). Ela questiona se poderíamos então nos referirmos a um determinado sexo ou determinado gênero sem saber de que forma foram eles constituídos e constituídos? Em que local e tempo histórico se disse o que é sexo e gênero?

Os dispositivos da sexualidade pensados por Foucault são fundamentais para que a teórica *queer* desenvolva sua narrativa sobre gênero. Isso porque é impossível separar tais discussões, já que leis linguísticas e discursivas funcionam para dizer a verdade sobre o gênero. A psicanálise pode ser entendida como uma forma de continuação dessa incitação discursiva sobre o sexo na medida em que extrai da sexualidade suas questões.

Pedro Ambra (2016), visualiza que durante mais de meio século foi endereçado à psicanálise as questões sobre a sexualidade, delegando a ela certo lugar de poder, já que poder e saber estão implicados. O autor percebe que este cenário mudou. A mudança é resultado do crescimento dos estudos *queer* e de gênero e da organização política dos movimentos sociais. Para ele, estes campos “passam a produzir e circular saberes próprios” (AMBRA, 2016, p. 108). Diante desse quadro, Ambra afirma que as respostas da psicanálise podem ser divididas em três grupos.

O primeiro deles é de denúncia aos saberes de gênero como se estes fossem causar um apocalipse, afirmando que a psicanálise deve lutar contra uma cultura de apagamento da diferença sexual. O segundo mantém a ideia de que a psicanálise, por ser uma clínica, não deveria se envolver com questões sociais para evitar uma sociologização do saber psicanalítico. E o terceiro, àquele com o qual me incorporo aqui, por estabelecer uma relação próxima com a universidade, é o entendimento de que outros saberes são importantes para fazer questão na teoria e na prática (AMBRA, 2016).

Miriam Chnaiderman disse que sua formação é múltipla. Fez mestrado em semiótica sobre literatura e psicanálise, estudou filosofia e acrescentou que não é uma psicanalista que só lê Freud e Lacan. Na concepção dela, ter uma formação mais múltipla e estar dentro de um instituto de psicanálise com uma história de luta política e social é um posicionamento político dentro da psicanálise também. Da forma que o filme de Miriam é construído, com cuidado, delicadeza e leveza, com todas as vezes que assisti e com as teorias de pensamentos distintos que me relacionei, percebi que pensar o sujeito e sua subjetividade requer diferentes discursos teóricos. Escolher uma única estrada para seguir limita a possibilidade de descobrir novos lugares e acaba deixando muita gente pelo caminho. Finalizo com uma fala de Miriam:

Mas acho que eu sou movida, isso é, pelo meu encantamento mesmo. Eu tenho uma curiosidade, eu realmente tenho uma curiosidade e eu acho que essas figuras todas, em todos os meus filmes as figuras que dão seu depoimento pra mim viram heróis mesmo. São heróis pra mim. Nesse filme são pessoas que bancam seu desejo de uma forma tão corajosa, afrontando um mundo organizado de forma tão adversa a isso que eles vivem né que eu realmente tenho um encantamento, é quase assim, veneração, uma coisa mesmo quase do sagrado. São eles que tem a palavra, né, e eu acho que é isso que me orienta assim (Miriam Chnaiderman, 14 de setembro de 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal desse texto foi o de apresentar estes sujeitos e seus discursos antes de teorizar sobre eles. Em um diálogo entre percepções psicanalíticas e *queer*, que não traçou um caminho prévio, foi possível sustentar lugares e ações que constroem sujeitos. Escrever sobre os sujeitos, seus corpos, sexos, gêneros e desejos exigiu de mim um novo aprendizado de como lidar com aquilo que não está pronto. Que não é fixo, que se transforma, que não tem certezas, mas sim possibilidades. Em verdade, me sinto em total relação com o método empregado, pois o processo foi perambulante, caminhante, subjetivo.

Miriam Chnaiderman me disse que para ela, enquanto psicanalista, mergulhar nessas questões:

[...] implicou em suportar, em não saber teorizar, em me abrir mesmo e é como eu faço nos meus documentários (Miriam Chnaiderman, 14 de setembro de 2017).

Suportar, não saber teorizar e se abrir para tais questões é o que acredito ser necessário para que essa discussão continue. Acabo o texto com o sentimento de que há muito mais o que descobrir sobre estes sujeitos, há muito o que escutar ainda.

Ressalto que as realidades dos discursos do documentário são de pessoas em sua maioria ligadas ao mundo artístico e cultural. São sujeitos que conseguem ter um lugar de fala, devido a posição social que ocupam. Não é minha intenção nesse momento fazer uma crítica às diferentes formas de escutar o sujeito em razão do prestígio que este ocupa. Mas acredito ser importante expor que existem vidas diminuídas que não estão nesse documentário. Reconheço minhas limitações enquanto pesquisadora e o processo transferencial com o tema, os sujeitos e a teoria. Sei que os sujeitos e as histórias do filme que não contei aqui são tão importantes quanto essas que apresentei.

A maneira que cada participante do documentário conta seus processos de vida a partir do gênero e da sexualidade, é, no mínimo, admirável. A singularidade das histórias mostra como a formação de um sujeito é um processo sem fim. O documentário mostrou que não existem certezas sobre os corpos, os gêneros e as sexualidades, deixando aberta a possibilidade de múltiplas interpretações e afirmações discursivas e desejanças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMBRA, P. A psicanálise é cisnormativa? Palavra política, ética da fala e a questão do patológico. **Periódicus**. Salvador, n.5, v.1, p. 101-120. mai-out, 2016. Disponível em: < <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/17179/11336>> Acesso em 13 jun. 2018.
- AYOUCHE, T. Da transsexualidade às transidentidades: psicanálise e gêneros plurais. **Percursos 54 revista de psicanálise**. Ano XVIII: Junho, 2015. Disponível em: < <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01498414/document> > Acesso em 16 mai. 2018.
- AYOUCHE, T. Quem tem medo dos saberes T.? Psicanálise, estudos transgêneros, saberes situados. **Periódicus**. Salvador, n.5, v.1, mai-out, 2016 p.3-6. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/17171/11326>> Acesso em 13 jun. 2018.
- BOONS, MC. **Mulheres-Homens: ensaios psicanalíticos sobre a diferença sexual**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.
- BUTLER, J. **Cuerpos que importan: sobre los limites materiales y discursivos del “sexo”**. Buenos Aires: Paidós, 2002.
- BUTLER, J. **Corpos que ainda importam**. IN COLLING, L.(Org.). Dissidências sexuais e de gênero. Salvador: EDUFBA, 2016.
- BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. 10.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- BUTLER, J. Regulações de gênero. **Cadernos Pagu** (42), p. 249-274. jan-jun de 2014. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n42/0104-8333-cpa-42-00249.pdf>> Acesso em: 5 jun 2018.
- CHNAIDERMAN, M. **De gravata e unha vermelha**, 86 min. FullHD, 2014.
- DUNKER, C. I. L.; RODRIGUES, A. L. **Cinema e psicanálise: História, gênero e sexualidade**. 2.ed. v.5. São Paulo: nVersos, 2015.
- FREUD, S. **A Feminilidade** (1933). In: FREUD, S. Obras completas v. 18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade** (1905). In: FREUD, S. Obras completas v.6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, S. **A dissolução do complexo de Édipo** (1924). In: FREUD, S. Obras completas v.16: O Eu e o Id, “autobiografia” e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, S. **Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos** (1925). In: FREUD, S. Obras completas v.16: O Eu e o Id, “autobiografia” e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro, Graal, 2007.

GURSKI, R. **A Psicanálise na socioeducação: a *escuta-flânerie* com agentes socioeducativos**. Projeto de pesquisa. Porto Alegre, UFRGS, 2017.

GURSKI, R. **Ritmos, Adolescência e Poesia (RAP): dos ‘muros à musicalidade na socioeducação**. *Projeto de Produtividade/CNPq*. Porto Alegre: UFRGS, 2016.

IRIBARRY, I. N. O que é pesquisa psicanalítica? **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**. Rio de Janeiro. v.6, n.1. jan./jun. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/agora/v6n1/v6n1a07.pdf>> Acesso em: 20 ago. 2017.

LANZ, L. **O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero**. Curitiba, 2014. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

MISKOLCI, R. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias** (UFRGS), v. 21, p. 150-182, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf>> Acesso em: 26 out. 2017.

MISKOLCI, R. Estranhando as Ciências Sociais: notas introdutórias sobre Teoria Queer. **Florestan** (UFSCar), v. 2, p. 8-25, 2014. Disponível em: <http://www.revistaflorestan.ufscar.br/index.php/Florestan/article/view/62/pdf_23> Acesso em: 26 out. 2017.

MISKOLCI, R. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. 2.ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

NERI, R. **A psicanálise e o feminino: um horizonte da modernidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

POLI, M. C. Escrevendo a psicanálise em uma prática de pesquisa. **Estilos da clínica**, v.13, n. 25, p. 154-179, 2008. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v13n25/a10v1325.pdf>> Acesso em 17 de jan. 2018.

PORCHAT, P. **Gênero, psicanálise e judith butler – do transexualismo a política** Tese (Doutorado Programa De Pós-Graduação em Psicologia Clínica). Instituto De Psicologia da Universidade de São Paulo, 2007.

PORCHAT, P. **Tópicos e Desafios para uma psicanálise Queer**. In: FILHO, F. S. T. [et al] (org.). **Queering : problematizações e insurgências na psicologia contemporânea**. Cuiabá: EdUFMT, 2013.

RIBEIRO, M. H. M. **Notas à margem do texto**. In Correio APPOA, out. 2012.

QUINET, A .Homo e hétero em Lacan. **Revista CULT edição especial Lacan além da Clínica**. p.28-30. Jan. 2017.

SALIH, S. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

5. CONCLUSÃO

A partir do questionamento sobre as possibilidades de articulação teórica e discursiva entre psicanálise e feminismo conseguimos elaborar um trabalho focado na subjetividade do sujeito. O desenvolvimento desse trabalho mostrou que as teorias estão sempre em mudança, exigindo a quem exerce o saber que esteja em contato com as realidades culturais, sociais e históricas que fazem parte do contexto do sujeito.

Reconhecemos a importância das manifestações políticas para que os sujeitos apresentados aqui saiam de um lugar de abjeção, no qual a única visibilidade é com resposta violenta, em que seus corpos são motivo de discursos de ódio, negando assim possibilidades de existência em diversos espaços sociais. Entendemos que estes sujeitos precisam ser reconhecidos em sua singularidade, na possibilidade de ser quem desejam ser. Assim, escolhemos falar sobre feminismo, gênero e sexualidade a partir de uma perspectiva do desejo.

O primeiro artigo: *Atravessando caminhos: escutas e narrativas possíveis entre psicanálise e feminismo*, apresentou como o discurso psicanalítico pode tomar diferentes direções, sendo importante sempre uma postura ética para com os sujeitos. O segundo artigo: *Sujeitos que transitam, transgridem e transformam as normas de gênero: uma reflexão a partir do documentário “De Gravata E Unha Vermelha”*, traz a luz como sujeitos fora da norma agenciam sua relação com seus corpos, gêneros e sexualidades.

As articulações entre psicanálise e feminismo foram feitas a partir da fala dos sujeitos que participaram dessa pesquisa. A escuta-*flânerie* possibilitou uma liberdade teórica criativa na qual a construção das argumentações também foi perambulante. Com este trabalho, percebemos a impossibilidade de separar e materializar o corpo, o sexo, o gênero e o desejo. A mesma impossibilidade está presente na relação da pesquisadora com os sujeitos da pesquisa, afirmando que a construção, seja esta dos sujeitos, das identidades, da teoria e da formação é um processo constante e contingente.

Existem várias formas de fazer um nó, cada um tem um objetivo específico e para tal requer uma amarração singular. Assim, o entrelaçamento das teorias que apresentei e a conexão destas com os sujeitos é o que constrói possibilidades de existências destes enquanto um corpo social passível de reconhecimento, legitimidade e valorização. Penso ser importante que outros trabalhos acadêmicos voltem o olhar para a subjetividade, sem a presunção de que as manifestações de gênero e sexualidade irão ao encontro de discursos hegemônicos, normativos ou identitários. Que cada vez mais possamos apresentar discursos e autores que exerçam uma responsabilidade ética sobre a teoria, os sujeitos e os desejos.

REFERÊNCIAS

- ADELMAN, M. **Os anos 60: movimentos sociais, transformações culturais e mudanças de paradigmas**. In: *Voz e a Escuta*. Curitiba: Blucher, 2009.
- AMBRA, P. A psicanálise é cisnormativa? Palavra política, ética da fala e a questão do patológico. **Periódicus**. Salvador, n.5, v.1, p. 101-120. mai-out, 2016. Disponível em: < <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/17179/11336>> Acesso em 13 jun. 2018.
- ARÁN, M. A Psicanálise e o dispositivo diferença sexual. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 17(3): 312, set./dez., 2009.
- AYOUC, T. Da transsexualidade às transidentidades: psicanálise e gêneros plurais. **Percursos 54 revista de psicanálise**. Ano XVIII: Junho, 2015. Disponível em: < <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01498414/document> > Acesso em 16 mai. 2018.
- AYOUC, T. Quem tem medo dos saberes T.? Psicanálise, estudos transgêneros, saberes situados. **Periódicus**. Salvador, n.5, v.1, mai-out, 2016 p.3-6. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/17171/11326>> Acesso em 13 jun. 2018.
- BEAUVOIR, S de. **O Segundo Sexo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BENJAMIN, W. **Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1989
- BOONS, MC. **Mulheres-Homens: ensaios psicanalíticos sobre a diferença sexual**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.
- BUTLER, J. **Corpos que ainda importam**. IN COLLING, L.(Org.). Dissidências sexuais e de gênero. Salvador: EDUFBA, 2016.
- BUTLER, J. **Cuerpos que importan: sobre los limites materiales y discursivos del “sexo”**. Buenos Aires: Paidós, 2002.
- BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. 10.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- BUTLER, J. Regulações de gênero. **Cadernos Pagu** (42), p. 249-274. jan-jun de 2014. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n42/0104-8333-cpa-42-00249.pdf>> Acesso em: 5 jun 2018.
- CECCARELLI, P. R. O que as homossexualidades têm a dizer a psicanálise (e aos psicanalistas). **Bagoas**. n. 8, p.103-123, 2012.
- CHNAIDERMAN, M. **De gravata e unha vermelha**, 86 min. FullHD, 2014.
- CONNELL, R. **A colonialidade do gênero**. In: *Gênero em termos reais*. São Paulo: nVersos,

2016.

COSSI, R. K. **A diferença dos sexos: Lacan e o feminismo**. Tese (Doutorado Programa De Pós-Graduação em Psicologia Clínica) Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2016.

COSTA, A.; POLI, M.C. Alguns fundamentos da entrevista na pesquisa em psicanálise. **Pulsional revista de psicanálise**. AnoXIX, n.188, p.14-21 dez./2006. Disponível em: <http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/188_02.pdf> Acesso em: 17 jan. 2018.

D'ANGELO, M. A modernidade pelo olhar de Walter Benjamin. **Estudos Avançados** 20 (56), 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v20n56/28637.pdf>> Acesso em: 5 mai. 2018.

DUNKER, C. I. L. Discurso e narrativa na construção do saber sexual. **Educação, subjetividade & poder**. V.1, p.137-160, 2005.

DUNKER, C. I. L.; RODRIGUES, A. L. **Cinema e psicanálise: História, gênero e sexualidade**. 2.ed. v.5. São Paulo: nVersos, 2015.

ELIA, L. **O Conceito de Sujeito**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

FIGUEIREDO, L. C. MINERBO, M. Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. **Jornal de psicanálise**. São Paulo, 39(70): 257-278, jun. 2006. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v39n70/v39n70a17.pdf>> Acesso em 27 nov. 2017.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro, Graal, 2007.

FREUD, S. **A dissolução do complexo de Édipo** (1924). In: FREUD, S. Obras completas v.16: O Eu e o Id, “autobiografia” e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, S. **A Feminilidade** (1933). In: FREUD, S. Obras completas v. 18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. **Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos** (1925). In: FREUD, S. Obras completas v.16: O Eu e o Id, “autobiografia” e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, S. **O Inconsciente (1915)** In: FREUD, S. Obras completas v.12: Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade** (1905). In: FREUD, S. Obras completas v.6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2007.

GURSKI, R. **A Psicanálise na socioeducação: a escuta-flânerie com agentes socioeducativos**. Projeto de pesquisa. Porto Alegre, UFRGS, 2017.

GURSKI, R. **Ritmos, Adolescência e Poesia (RAP): dos ‘muros à musicalidade na socioeducação**. *Projeto de Produtividade/CNPq*. Porto Alegre: UFRGS, 2016.

HARAWAY, D. J. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu** (5), p.07-41, 1995. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773/1828>> Acesso em: 8 jan. 2018.

IRIBARRY, I. N. O que é pesquisa psicanalítica? **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**. Rio de Janeiro. v.6, n.1. jan./jun. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/agora/v6n1/v6n1a07.pdf>> Acesso em: 20 ago. 2017.

KEHL, M. R. **A mínima diferença**. 1992. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2015/03/02/maria-rita-kehl-a-minima-diferenca/>> acesso em 17 de abr. 2018.

KEHL, M. R. **Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

LACAN, J. **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, J. **Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante**, (1971). Rio de Janeiro, Zahar: 2009.

LANZ, L. **O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero**. Curitiba, 2014. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

LO BIANCO, A. C. Sobre as bases dos processos investigativos em psicanálise. **PsicoUFS**. V. 8, n. 2. p. 115-123. Jul./dez. 2003. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoufs/v8n2/v8n2a03.pdf>> Acesso em: 27 nov. 2017.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**.v.22 n.3 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2014000300013&lng=en&nrm=iso> Acesso em 26 de abr de 2018.

MANZI, R. Então, vocês terão entendido Lacan? **Revista CULT edição especial Lacan além da Clínica**. p.46- 48. Jan. 2017.

MISKOLCI, R. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias** (UFRGS), v. 21, p. 150-182, 2009. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf>> Acesso em: 26 out. 2017.

MISKOLCI, R. Estranhando as Ciências Sociais: notas introdutórias sobre Teoria Queer. **Florestan** (UFSCar), v. 2, p. 8-25, 2014. Disponível em: <http://www.revistaflorestan.ufscar.br/index.php/Florestan/article/view/62/pdf_23> Acesso

em: 26 out. 2017.

MISKOLCI, R.; PEREIRA, P.P.G. Quem tem medo de Judith Butler? A cruzada moral contra os direitos humanos no Brasil. **Cadernos Pagu** (53), 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n53/1809-4449-cpa-18094449201800530000.pdf>> Acesso em 23. Jun. 2018.

MISKOLCI, R. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. 2.ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

MOTT, L. (et all) **Grupo Gay da Bahia (GGB) Mortes violentas de LGBT no Brasil**. Relatório 2017. Disponível em: < <https://pt.calameo.com/read/004650218f3258a331907>> Acesso em: 23 jun. 2018.

NERI, R. **A psicanálise e o feminino: um horizonte da modernidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

PEDRO, J. M. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, vol. 24, n. 1, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v24n1/a04v24n1.pdf>> Acesso em: 28 ago. 2017.

PINTO, C. R. J. Feminismo, história e poder. **Revista de Sociologia e Política**. v.18. n.36: p.15-23, junho de 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf>> Acesso em: 20 ago. 2017.

PIRES, L. P. & GURSKI, R. A construção de um “posto móvel de escuta” na socioeducação: uma metodologia psicanalítica nomeada escuta-flânerie. In **Anais do II Encontro do Grupo de Trabalho Psicanálise, Subjetividade e Cultura Contemporânea**. Modalidades de pesquisa em psicanálise: métodos e objetivos, realizado no período de 21 a 23 de junho de 2017, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, SP, São Paulo: ANPEPP, 2017.

POLI, M. C. Escrevendo a psicanálise em uma prática de pesquisa. **Estilos da clínica**, v.13, n. 25, p. 154-179, 2008. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v13n25/a10v1325.pdf>> Acesso em 17 de jan. de 2018.

PORCHAT, P. Conversando sobre psicanálise: entrevista com Judith Butler. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 161-170, jan/abr. 2010. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ref/v18n1/v18n1a09.pdf> > Acesso em 12 fev. 2018.

PORCHAT, P. **Gênero, psicanálise e judith butler – do transexualismo a política** Tese (Doutorado Programa De Pós-Graduação em Psicologia Clínica). Instituto De Psicologia da Universidade de São Paulo, 2007.

PORCHAT, P. **Tópicos e Desafios para uma psicanálise Queer**. In: FILHO, F. S. T. [et al] (org.). **Queering : problematizações e insurgências na psicologia contemporânea**. Cuiabá: EdUFMT, 2013.

QUINET, A. Homo e hétero em Lacan. **Revista CULT edição especial Lacan além da Clínica**. p.28-30. Jan. 2017.

REA, C. Existe uma psicanálise sem Édipo? *ex æquo*, n° 30, p.81-95, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/aeq/n30/n30a07.pdf>> Acesso em: 13 jun 2017.

RIBEIRO, M. H. M. **Notas à margem do texto**. In Correio APPOA, out. 2012.

ROSA, M. D. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. **Revista mal-estar e subjetividade**. Fortaleza, v.iv, n.2, p.329- 348, set. 2004.

ROSA, M. D.; DOMINGUES, E. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação; **psicologia & sociedade**. V. 22, n. 1, p.180-188, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v22n1/v22n1a21.pdf>> Acesso em 27 nov. 2017.

ROUDINESCO, E. **Lacan, a despeito de tudo e de todos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro, Zahar: 1998.

SALIH, S. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

SOLER, C. **O que Lacan dizia das mulheres**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil**. Brasília- DF, 1ª edição, 2015. Disponível em:<http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf>. Acesso em: 23 Jan. 2018.

ZIZEK, S. **Como ler Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

AÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Título do estudo: Psicanálise e feminismo: que articulações possíveis?

Pesquisador responsável: Cláudia Maria Perrone

Departamento: UFSM/CCSH – Departamento de Psicologia

Telefone e endereço postal completo: Avenida Roraima, 1000, prédio 74B, sala 3302. Cidade Universitária, bairro Camobi. Santa Maria, RS. CEP: 97015900. (55) 32209304.

Local da coleta de dados: Avenida Roraima, 1000, prédio 74B, sala 3306. Cidade Universitária, bairro Camobi. Santa Maria, RS. CEP: 97015900. (55) 32209304.

Eu Cláudia Maria Perrone, responsável pela pesquisa “Psicanálise e feminismo: que articulações possíveis?”, a convidamos a participar como voluntária deste nosso estudo.

Esta pesquisa pretende apresentar como se deu na sua trajetória pessoal e profissional o desenvolvimento de questões psicanalíticas relacionadas a questões feministas e de gênero. Acreditamos que ela seja importante porque irá proporcionar novos olhares sobre a teoria psicanalítica em relação com o feminismo. Para sua realização será feito o seguinte: usaremos três obras de três psicanalistas brasileiras sobre as questões citadas acima. Após isto serão feitas perguntas norteadoras sobre o tema como: qual a relação que você percebe ser existente entre psicanálise e feminismo?; como foi o processo de você se envolver com o estudo de questões de gênero? Sua participação constará de responder tais questões e desenvolver uma narrativa sobre elas através de seu testemunho pessoal. A entrevista será feita via Skype, será gravada e transcrita. O texto resultado desta transcrição será enviado a você, para que possa modificar algo se desejar.

É possível que aconteçam os seguintes riscos: ansiedade e desconforto durante a entrevista. Diante disso, você tem garantida a possibilidade de não aceitar continuar participando da entrevista ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão.

Os benefícios que esperamos com o estudo são: recuperar trajetórias e momentos importantes de desenvolvimento de uma forma de saber dando visibilidade ao tema de

gênero, feminismo e psicanálise.

Durante todo o período da pesquisa você terá a possibilidade de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento. Para isso, entre em contato com algum dos pesquisadores ou com o Comitê de Ética em Pesquisa.

Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelos pesquisadores. Fica, também, garantida indenização em casos de danos comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa.

As informações desta pesquisa poderão ser divulgadas em eventos ou publicações com a identificação das voluntárias. Diante disso fica registrado que as participantes abrem mão do sigilo.

Autorização

Eu, _____, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro para que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da divulgação de minha identidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais foi-me entregue.

Assinatura do voluntário

Assinatura do responsável

Santa Maria, _____, de _____ de 2017